

# OS DIFERENTES PAPEIS E TEXTUALIDADES DE SILVANA PINHEIRO: ENTREVISTA LITERÁRIA<sup>1</sup>

---

## THE DIFFERENT ROLES AND TEXTUALITIES OF SILVANA PINHEIRO: LITERARY INTERVIEW

Vitor Cei\*

A escritora e educadora Silvana Pinheiro nasceu em 24 de junho de 1965, às 17h, em Vitória (ES), embora sua família morasse na Prainha, em Vila Velha (ES). Depois de viver parte da infância e o início da juventude em Brasília (DF) e Juiz de Fora (MG), voltou a Vitória. Atualmente, ainda reside na capital do Espírito Santo.

Em 1987, Silvana Pinheiro graduou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Posteriormente, concluiu licenciatura plena em Letras e especializações em Conciliação e Mediação de Conflitos, Revisão de Texto e

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Educação Pré-Escolar, bem como o mestrado e o doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes.



Silvana Pinheiro (Fotos de Vitor Cei).

Na trajetória de vida e na produção intelectual de Silvana Pinheiro, literatura e educação são paralelas que se cruzam há mais de três décadas. Conforme a própria autora relatou em entrevista concedida a Luciano Rangel (2024), sua escrita literária para crianças decorreu de sua atuação como leitora e educadora, no contexto de seu trabalho na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu-ES). Entre 1986 e 1997, ela atuou como professora do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, técnica da equipe de Educação Infantil e chefe do Departamento de Apoio Técnico-Pedagógico, assessorando pedagogicamente escolas estaduais e municipais, elaborando subsídios curriculares e participando de processos de leitura e seleção de livros destinados às escolas capixabas.

Sua experiência profissional inclui, também, atuação em cursinho comunitário e escolas privadas de educação básica, como professora e pedagoga na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nos dois últimos anos, como educadora na rede pública, fez parte da equipe da Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar (Apoie) da Sedu, no apoio às escolas da rede.



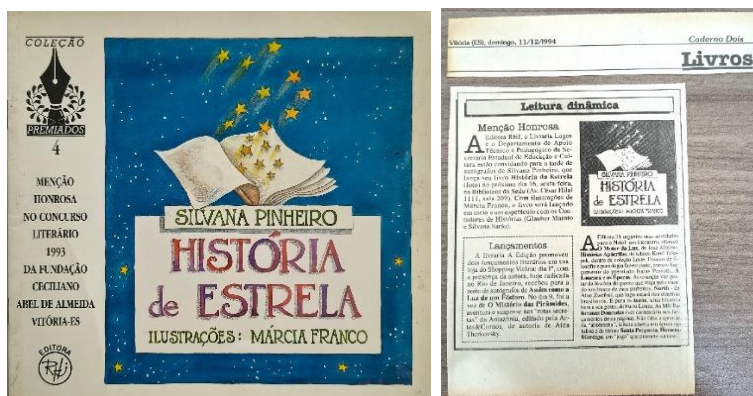
Silvana Pinheiro atuando na Biblioteca da Sedu-ES (Acervo de Lúcia Marotto).

No ensino superior, foi monitora na Ufes e professora do curso de Pedagogia das faculdades Novo Milênio (2001–2006), Unicidade (2002–2003) e Fabavi (2007–2008), ministrando disciplinas nas áreas de educação, linguagem, alfabetização e literatura infantil e juvenil. Também foi membra da Rede Brasil de Alfabetização; integrou o Comitê Estadual do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) da Fundação Biblioteca Nacional no Espírito Santo; coordenou o programa Pró-Leitura/ES, do Ministério da Educação (MEC), parceria Brasil/França; e coordenou a Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantojuvenil (Aeilij) no Espírito Santo.



Silvana Pinheiro em encontro com estudantes da Seme Vitória, acompanhada pelo músico Rogério Pinheiro, em evento promovido pelo Projeto Viagem pela Literatura da Prefeitura Municipal de Vitória, em 2008 (Acervo da autora).

Em 1993, Pinheiro recebeu menção honrosa no Concurso de Literatura Infantil da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA) pelo seu primeiro livro, *História de estrela*. Em 1994, este foi publicado pela editora RHJ, de Belo Horizonte (MG), com ilustrações de Márcia Franco. O poema narrativo, voltado à reflexão e à fruição literária de crianças em processo de alfabetização, foi sua porta de entrada no sistema literário nacional.



Capa de *História de estrela*, livro de estreia de Silvana Pinheiro, e matéria sobre a publicação.

Desde então, Silvana Pinheiro publicou mais de vinte volumes e obteve reconhecimento em diferentes momentos de sua trajetória literária, com premiações e distinções em concursos literários de âmbito regional e nacional. Em 1995, foi vencedora do Concurso Literário promovido pela Editora Vinde Comunicações (RJ), com *O jogo dos sete tempos*.

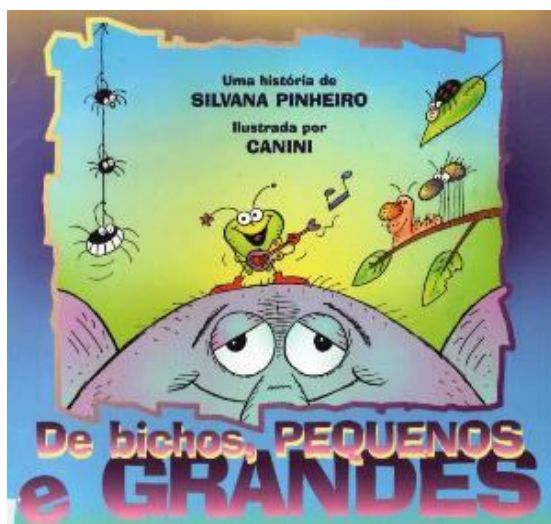
No ano de 1999, seu livro *Houve um beija-flor*, publicado pela Lei de Incentivo Rubem Braga, da Prefeitura de Vitória, foi incluído no *17º Brazilian Book Magazine* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que destaca os autores e autoras, além de ilustradores e ilustradoras, mais relevantes.

Em 2013, foi finalista do Prêmio Barco a Vapor, das Edições SM, com *Baú de brinquedos*. Em 2014, seu conto “Quando as palavras não vêm” figurou entre os finalistas do Prêmio Nacional de Artes da Estância Turística de Tupã, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Tupã. Em 2018, seu poema “Paneleira” foi finalista da 7ª edição do Concurso Semente Literária – Lei João Bananeira II, da Secretaria Municipal de Cultura de Cariacica. E agora recebe um portfólio neste número da revista *Fernão*.



Capa da *Brazilian Book Magazine*, da FNLIJ, e página em que se refere *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro.

Para crianças, depois de *História de estrela* (RHJ, 1994), e *O jogo dos sete tempos* (Vinde Comunicações, 1995), já mencionados, publicou *De bichos, pequenos e grandes* (Ultimato, 1998), com ilustrações de Canini; *Houve um beija-flor* (PMV, 1998; Formar, 2018), com ilustrações de Cléria Borges na 1ª edição e Yuri Lopes na 2ª edição; *A casa rosa* (DCL, 2004), ilustrada por Rosinha Campos; *Amar o Mar* (DCL, 2004), seu primeiro livro de poemas para crianças, ilustrado por Fê; *Uma luz no fim do beco*, de 2001, publicado em parceria com o Movimento Capixaba de Voluntários, com ilustrações de Lastênio Scopel; *Vitória, uma ilha cercada de terras* (Cortez, 2007), ilustrada por Joyce Brandão; *Das histórias da tartaruga* (Aluar, 2023), ilustrado por Carlos Jorge Nunes, e *Notícias para Marina* (Formar, 2023), ilustrado por Diana Leite Chacon.





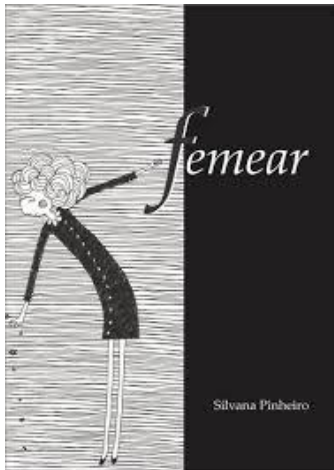
Capas de alguns dos livros para crianças e jovens de Silvana Pinheiro.

Destacam-se também os volumes que escreveu para a coleção *Histórias para os Dedoches da Turma do Smilingüido* (Editora Luz e Vida, 2002) e seus roteiros de histórias em quadrinhos, publicados na revista *Smilingüido e sua turma* (Luz e Vida, 2006).



Revista *Smilingüido e sua turma*, com roteiro de Silvana Pinheiro.

Vinte anos depois da estreia, o décimo livro escrito por Silvana Pinheiro foi o primeiro de poesia voltado para o público adulto. *femear* (Edição da autora, 2014) apresenta um olhar feminino sobre a vida, os relacionamentos e o mundo, em formas de rondó, soneto e poema-minuto. Desde então a poesia tem se tornado cada vez mais presente em sua obra, com outros dois títulos mais recentes: *Feita em casa* (Edição artesanal da autora, 2021) e a antologia *Próximo passo* (Cândida, 2024) em variado diálogo intertextual com nomes da poesia brasileira, como José Paulo Paes e Adélia Prado. À poeta mineira, ela dedicou ainda sua tese de doutorado, revisitada no livro *Sem licença: a poética de Adélia Prado* (Caravana, 2021).



Capas dos livros de poemas de Silvana Pinheiro.  
Abaixo, a autora em lançamento de seu *Próximo passo*.





Capa de *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, ensaio de Silvana Pinheiro.

Outra faceta do trabalho de Silvana Pinheiro é a educação ambiental, à qual dedicou o livro *Amigos da terra: a luta pela preservação da vida e da natureza* (Nova Alexandria, 2009), publicado no período em que atuou como educadora ambiental vinculada à Secretaria Municipal de Meio Ambiente, na Gerência de Educação Ambiental de Vitória.



Capas das edições de *Amigos da terra*, de Silvana Pinheiro.

Na entrevista online estruturada respondida por e-mail em 13 de abril de 2026, Silvana Pinheiro comenta sobre sua trajetória literária desde sua formação leitora e sua estreia com *História de estrela* (1994), examinando os modos como sua produção se desenvolveu ao longo de mais de três décadas. O diálogo contempla seu trânsito entre diferentes gêneros, formas e públicos, com atenção especial à literatura infantil, juvenil e, mais recentemente, adulta, bem como às relações entre criação literária, experiência docente, crítica acadêmica e formação de leitores. Também são discutidos o projeto ético-estético da autora, a recepção de sua obra, o diálogo entre texto verbal e ilustração e os desafios contemporâneos da literatura em contextos regionais, nacionais, internacionais e digitais. A entrevista ainda problematiza temas como democratização do acesso à leitura, literatura na escola, opressões de gênero, censura, violações ao direito à literatura e à democratização do acesso à leitura literária, compondo um panorama crítico da atuação da autora no campo literário e educacional brasileiro contemporâneo.

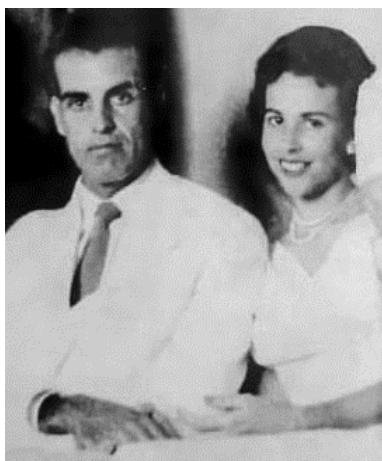


Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

### Como e quando a leitura e a literatura entraram em sua vida?

A leitura e a literatura ingressaram na minha vida ainda bem pequena, por meio de uma sensibilidade quase inata para a palavra escrita, herdada de meu contexto familiar de origem, envolto em manifestações musicais e oralidade.

Desde pequena, fui acostumada a ouvir histórias, especialmente as narrativas bíblicas, e cresci em meio a uma família e uma comunidade religiosa muito ligadas à música. Neste contexto, convivi com a palavra cantada e narrada. Por parte de pai, tive grande influência na prática do canto, de muitas formas, individualmente, em corais, em grupos musicais. Por parte de mãe, que também escrevia poesias e gostava de declamá-las, herdei a afeição pelas dimensões da partilha oral dos textos escritos e me acostumei a ouvir a palavra vestida de oralidade. Foi assim, então, que a minha sensibilidade para a palavra cresceu.



Geraldo Gomes Pinheiro e Maryse de Athayde Pinheiro, pais de Silvana Pinheiro, e registros da infância da autora (Acervo pessoal).

Lembro-me de um fato, ainda bem criança, com meus cinco anos, talvez, quando ganhei o meu primeiro livro de história, do qual não me recordo o título. Era um livro, traduzido, imagino, um livro infantil, com poucas palavras e muitas imagens, para uma criança em aprendizado de ler a palavra, *stricto sensu*

falando. Trazia a história de uma menina com o seu ursinho de pelúcia, um amigo especial. E aquele livro se tornou para mim um ursinho de pelúcia também, um brinquedo que eu carregava para todo canto, debaixo do braço, e colocava sob o travesseiro antes de dormir. Foi assim que me afeiçoei ao objeto livro: pela via da convivência com esse livro de história e com as escrituras bíblicas, livros bem presentes em minha casa.



A menina Silvana Pinheiro  
e capa do provável livro que deu origem à tradução  
que acompanhou a autora na infância.

Outro episódio marcante nesse sentido se deu por volta dos 10 anos. A escola pública onde eu frequentava tinha um trabalho bonito de incentivo à leitura. Eu morava em Brasília nessa época e cursava o ensino regular em um turno e, em outro, a escola chamada Parque. Nessa Escola Parque, eram oferecidas atividades, não do currículo básico comum: atividades como música, literatura etc. Havia uma boa biblioteca, fazíamos atividades diversas ali. Lembro-me, por essa ocasião, das aulas de música também. Minha turma compôs canções para concorrer no festival de fim de ano da escola. E por duas vezes tivemos bons resultados no festival. Então, escrever letras de músicas e poesias musicadas começou ali, naquela experiência. A partir disso, além de conviver com as canções compostas pelo meu pai e por outros membros de sua família, passei a

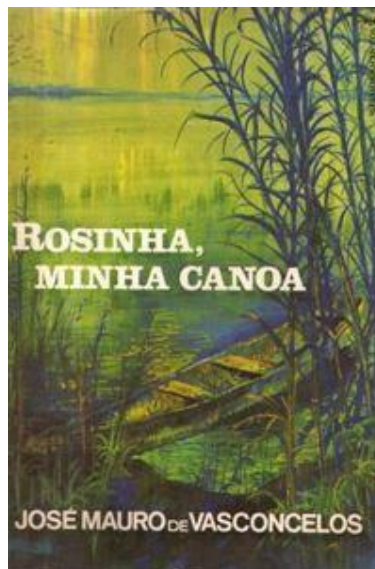
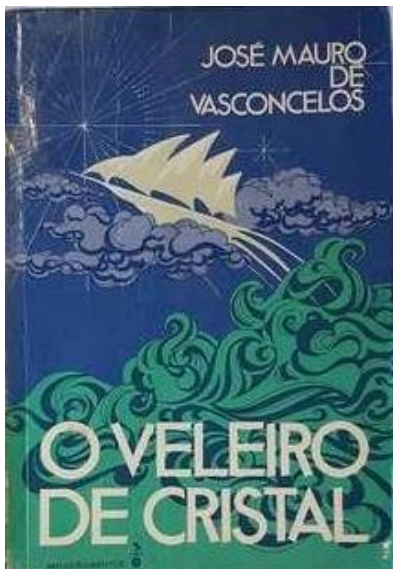
me interessar pela obra de muitos compositores do canção brasileiro também.



Registros da vida estudantil de Silvana Pinheiro, em Brasília (Acervo da autora).

Recordo-me ainda de que, nessa mesma época, minha escola recebeu em seu auditório, a visita de um grande escritor, José Mauro Vasconcelos, e tive contato com os livros dele. Não comecei com o *Meu pé de laranja lima*. Meu primeiro contato com sua obra foi por intermédio de *O veleiro de cristal* e de *Rosinha, minha canoa*, dois livros que me marcaram muito.

*José Mauro de Vasconcelos*



Autógrafo de José Mauro de Vasconcelos (Foto sem crédito), recebido por Silvana Pinheiro na escola, e capas dos livros do autor admirado.

E outra memória dessa segunda metade do ensino fundamental tem relação com a convivência com professores que incentivavam muito a leitura. Lembro da coleção Vagalume, da Editora Ática, e de ter lido *Éramos seis*, *O escaravelho do diabo* e outros livros.



Livros da Coleção Vagalume  
que incentivaram a leitura de Silvana Pinheiro.

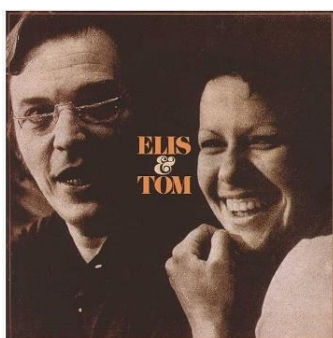
No Ensino Médio, passei a ter professores ainda mais críticos, e isso também coincidiu com o período de abertura política no país. Tive um professor de Língua Portuguesa que apreciava conversar sobre livros e literatura. Naquele momento comecei a me interessar pela obra de Jorge Amado, o baiano que narrava sobre a condição dos negros na Bahia e a respeito da realidade do trabalho nas lavouras de cacau, além de toda a questão cultural relacionada a isso, bem como das contradições pós abolição da escravatura, na primeira metade do século XX. Então, li a obra de Jorge Amado, fiz outras leituras também, mas, sobretudo, a obra dele me marcou muito nessa fase.

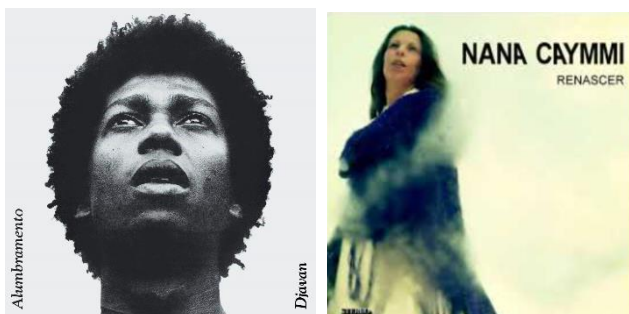




Edições dos livros de Jorge Amado (Foto sem crédito) nos anos 1970 e folder do Círculo de Leitura conduzido por Silvana Pinheiro, admiradora da obra do autor baiano.

E por conta mesmo da inclinação para a musicalidade, ouvia muita música popular brasileira, Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Francis Hime, Edu Lobo, os grandes, Caetano, Gil, Betânia, Gal, Elis, Djavan, Nana, compositores e intérpretes, expoentes da nossa música, que me encantaram nessa fase, nesse momento da juventude. Não era muito ligada à produção internacional, a não ser a música clássica, porque estudava também piano.





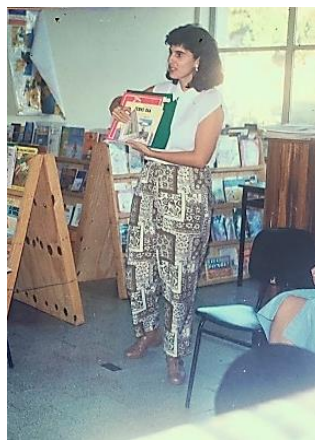
Alguns intérpretes e compositores  
que encantaram a juventude de Silvana Pinheiro.

Durante todo esse período, do Ensino Fundamental até o final do Ensino Médio, até quando comecei a ingressar no mercado de trabalho, já aos meus 17 anos, quando comecei a lecionar, escrevia poesia, ocasionalmente alguma crônica, alguma história. Fazia isso como um hobby.



Silvana Pinheiro na sua formatura de normalista, em Juiz de Fora (MG), em 1982.

Até que, já formada em Pedagogia, Orientação Educacional, como professora e pedagoga, fui trabalhar na Secretaria Estadual de Educação, na equipe de Educação Infantil, e uma das nossas atribuições era selecionar livros para as escolas, ainda chamadas Jardins de Infância. Então, comecei a ler muito, lia todos os livros que chegavam para a equipe, encaminhados por editores, para seleção e compra. Devorava aquilo tudo.



Sede da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (Foto sem crédito), em Vitória, onde Silvana Pinheiro atuou intensamente na equipe de Educação Infantil (Acervo da autora).

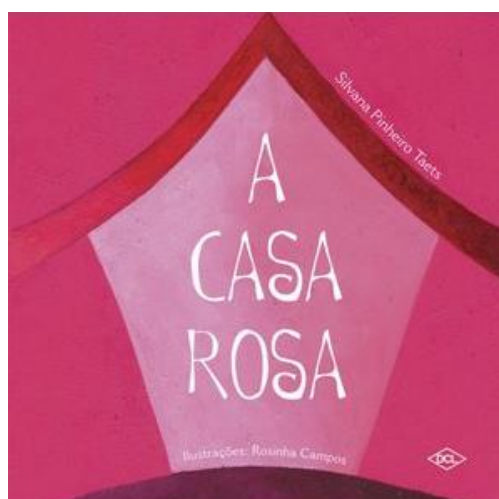


Nessa mesma época, meus filhos nasceram e, com filhos pequenos, meu olhar ficou ainda mais voltado para a infância.



Silvana Pinheiro com seus filhos na infância e atualmente.  
Ao lado direito, seus pets (Acervo da autora).

Comecei a produzir histórias com mais intencionalidade, pensando em publicação. O primeiro conto infantil, em prosa poética, foi *A casa rosa*, escrito sem a intenção de ser um livro de história, mas em resposta a um amigo, que frequentava a nossa casa e fez um soneto falando de amizade, em tom bastante pessimista. Fiz uma história em resposta a ele, usando a metáfora da casa, falando de relacionamentos e fluxos da vida. Depois que o texto passou por algumas revisões e olhares críticos, muitos anos depois, foi publicado pela editora DCL de São Paulo, em 2005, recebendo uma roupagem editorial destinada às crianças e tornando-se um livro infantil, embora o texto não tenha nascido com esse destino.

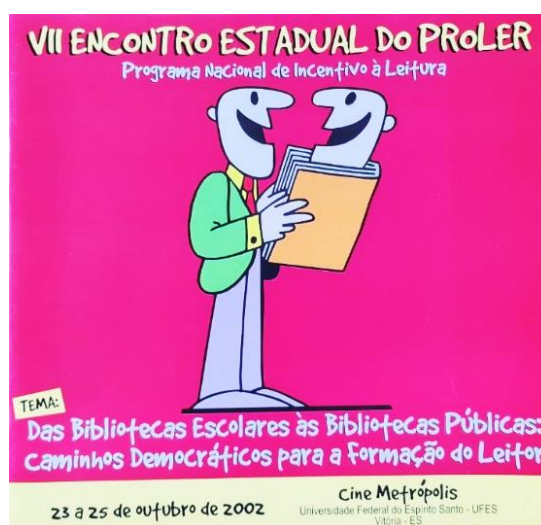
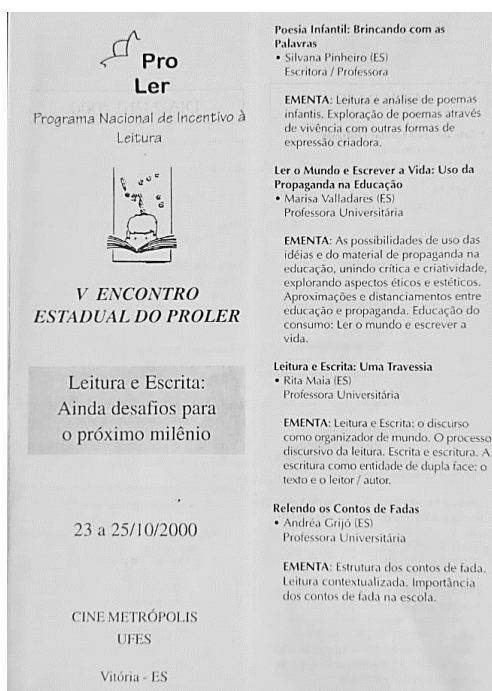
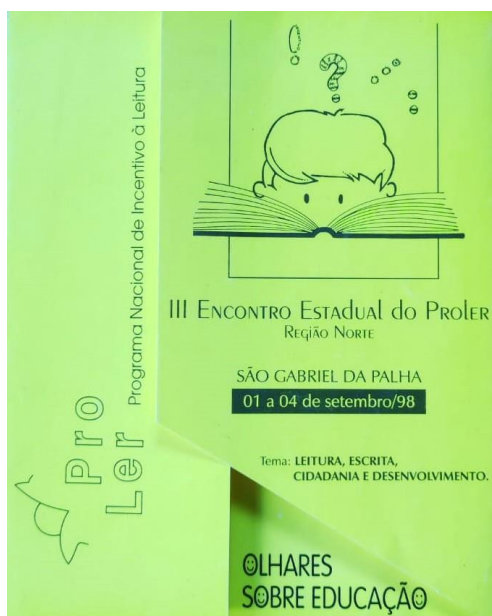


Capa de *A casa rosa*, de Silvana Pinheiro.

Outra experiência de trabalho que foi fortemente influenciadora para a minha produção para crianças foi participar do Comitê Estadual do Proler, da Biblioteca Nacional. O comitê do Espírito Santo, formado a partir de 1992, existiu durante alguns anos. Fiz parte dele, junto com Francisco Aurelio, Rita Maia, Lúcia Maroto, Neila Geaquinto, Paulo Sodré, Sérgio Blank, Silvana Sampaio e outros, alguns de forma mais assídua, como foi o meu caso, e outros que contribuíram em momentos pontuais.



Logomarca do ProLer e fachada da Biblioteca Nacional (Foto sem crédito), no Rio de Janeiro. Abaixo, folders e cartaz de divulgação das atividades do ProLer em cidades capixabas.



Eram escritores, poetas, contadores de histórias, bibliotecários, livreiros, promotores culturais, professores etc. Esse ambiente rico em interação e partilhas foi muito determinante na construção do meu trabalho também.



Em São Mateus, ES, uma das sessões concorridas do Proler: a contação de história (Foto de Paulo Roberto Sodré).

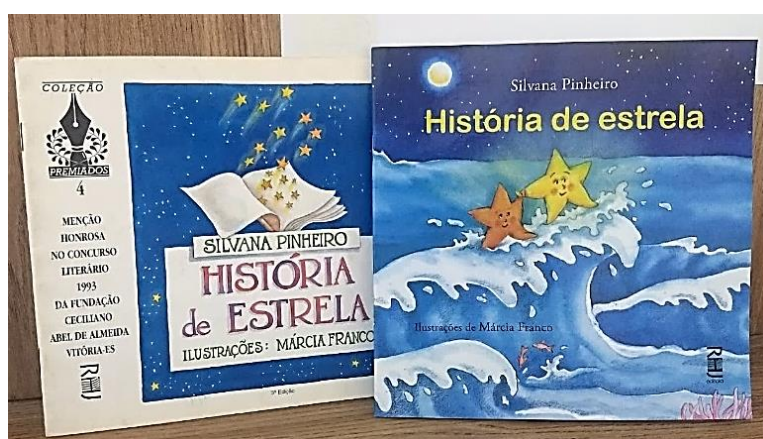


Silvana Pinheiro com o/as companheiro/as de promoção da leitura: Neila Geaquinto (À esquerda) e Lúcia Maroto. Abaixo, com Rita Maia e Francisco Aurelio Ribeiro (Fotos sem crédito).



**Após mais de três décadas como escritora, como você define sua trajetória literária desde o primeiro livro, *História de estrela* (RHJ, 1994)? Houve um momento inaugural ou o caminho se construiu gradualmente?**

No início da década de 90, meu envolvimento com a promoção da leitura, incentivado pelas ações do Proler, se desdobrou naturalmente para a construção de oportunidades de publicação. Nessa época, houve um concurso literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, vinculada à Ufes, trazendo também a categoria de livros infantis. Concorri com um texto produzido especialmente para o concurso, intitulado *História de estrela*, e o texto recebeu menção honrosa, o que se constituiu uma porta para que a editora RHJ, de Belo Horizonte, na época representada aqui pelo Silvio Folli, da Livraria Logos, desejasse publicar a obra na Coleção Premiados. O texto recebeu a ilustração de Márcia Franco, uma ilustração sensível, com traços que comunicam bem com o público infantil. Foi assim que nasceu, em 1994, minha primeira publicação, e estreei também como autora de textos de ficção para crianças.



Capas das duas edições de *História de estrela*, de Silvana Pinheiro.

Minha trajetória a partir disso se construiu de forma gradativa, com o permanente interesse pela leitura, pela música, tendo contato com a obra de diferentes autores, com os livros de Literatura Infantil, e por conta do meu trabalho em educação e de promoção da leitura. Passei a escrever ainda mais

intencionalmente, com o objetivo de me comunicar com esse público específico. Comecei a produzir histórias e a participar de concursos, e a partir da boa colocação dos meus textos nesses certames, algumas oportunidades de publicação se apresentaram.



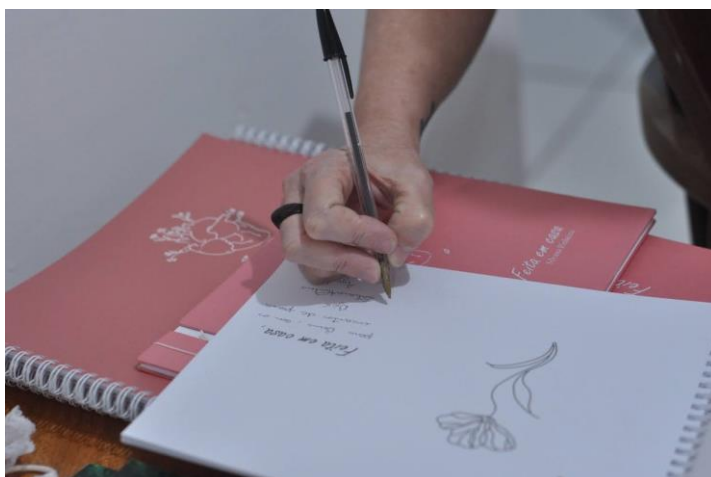


Fotos de Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

Sempre me pergunto: “Quando nasce uma escritora? Quando publica? Quando escreve?”. Depois de trinta anos, essa questão ainda se desbobra em mim. Volta e meia me pergunto se sou escritora porque publico ou já publiquei, ou porque escrevo ou já escrevi, ou porque sou lida... Quando nos tornamos escritores, não é? O ato de criar com palavras e divulgá-las para que outros as acessem por meio da leitura está sujeito a muitos e variados atravessamentos, pessoais, contextuais, ideológicos e editoriais. Ser escritora é uma condição complexa.



Fotos de Silvana Pinheiro adolescente (Acervo da autora).





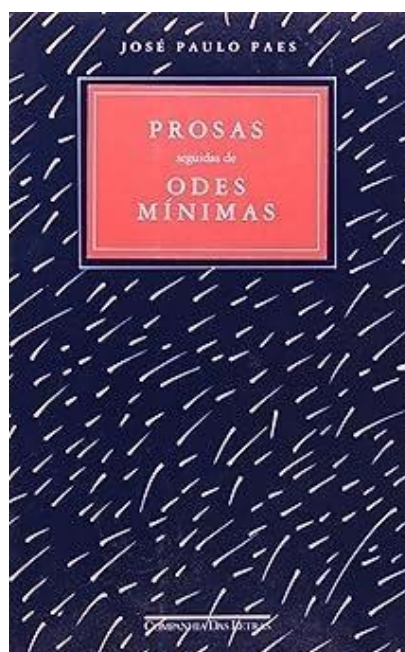
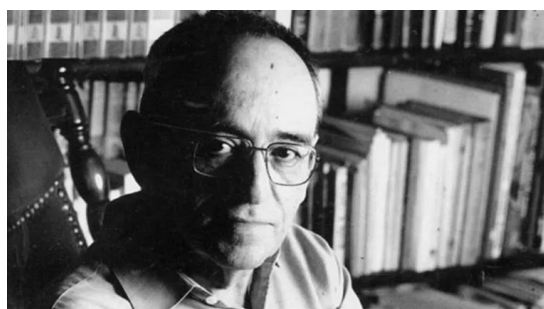
Silvana Pinheiro em diversos lançamentos de seus livros (Acervo da autora).



Fotos de Lucas Pinheiro Taets.

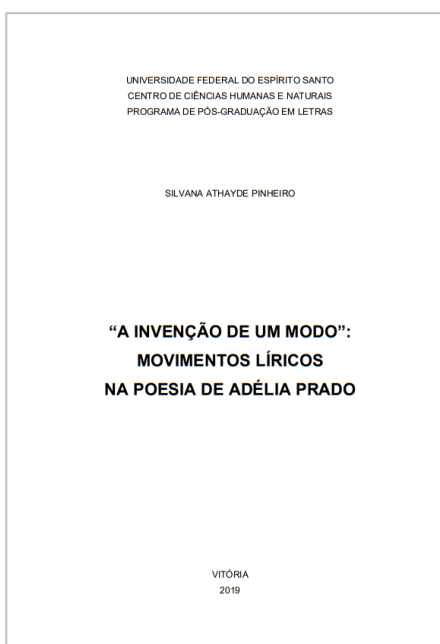
Depois desse momento inicial de publicações, cada vez mais foi despertada em mim a necessidade de estudo sobre o campo da literatura. Minha formação inicial era em Pedagogia, Orientação Educacional. Meu Mestrado em Letras, com a dissertação *Na trilha do humor de José Paulo Paes: ri melhor quem ri no mínimo* (2000), foi em decorrência dessa necessidade crescente, da convivência com a

leitura e a escrita e a participação em projetos de promoção da leitura, institucionais e voluntários, como o Proler, da Biblioteca Nacional, e o Pró-Leitura, do MEC, em parceria com o governo da França, que coordenei aqui no Espírito Santo.



José Paulo Paes (Foto sem crédito), cujas *Prosas seguidas de odes mínimas* foram assunto da dissertação de mestrado de Silvana Pinheiro.

No contexto do Mestrado, enfrentei algumas dificuldades por não ter a graduação em Letras, pois me faltavam alguns repertórios sistematizados nesse campo de estudo. Decidi fazer a graduação em Letras também, em uma faculdade particular, para sistematizar um pouco mais os meus estudos e leituras, o que já fazia por conta própria. Depois de 10 anos, entrei novamente na seleção para o Doutorado em Letras na Ufes. Estudei e me preparei um ano para isso, passei, continuei estudando e, enfim, isso tudo foi me permitindo expandir meus conhecimentos sobre a literatura.



Folha de rosto da tese de doutorado de Silvana Pinheiro, sobre a poesia de Adélia Prado, e banca composta por Augusto Massi, Telma Boudou, Renata Bomfim e Maria Amélia Dalvi (Acervo da autora).

É perceptível, então, que minha trajetória não foi linear, tem uma irregularidade, percalços, desafios, e ainda é irregular, porque tenho variados interesses como objetos de leitura e pesquisa. Sou meio cigana nesse aspecto e aprendi a conviver com isso também. Todos esses repertórios acumulados, de diferentes áreas, da literatura, da educação e de outras, influenciaram e influenciam o meu texto, a minha escritura e a própria construção de mim mesma, humana e mulher, nos diferentes papéis que se manifestam no meu cotidiano.

Considero-me ainda aprendiz e tateando no campo da escrita e da literatura. Na leitura e estudo, é bom saber que existe um mundo de livros a meu dispor. Na escrita, no momento me vejo em uma pausa na produção, necessária, acredito,

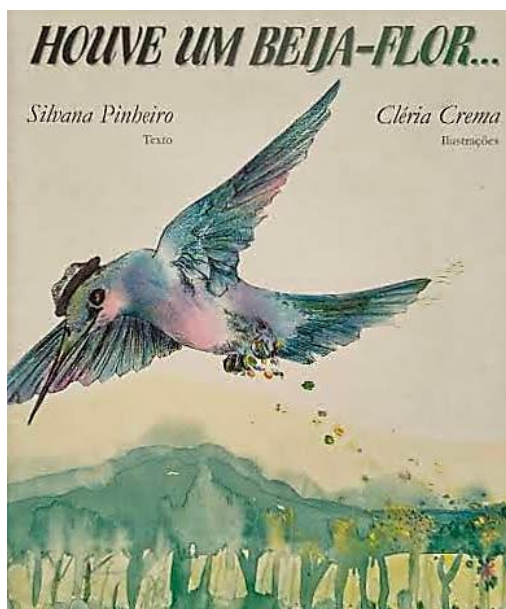
para um assentamento de muitas bagagens acumuladas nessa trajetória, que me levam hoje a estar num lugar de mais amadurecimento, pessoal e no trabalho também. Encontro-me em um tempo de virada de chave, em muitas áreas da minha vida. A pausa é necessária, saudável, bem-vinda. Talvez para a geração de algo novo. Há um poema de Adélia Prado que me encanta e dialoga bem com isso, quando diz: “[...] Eu sempre sonho que uma coisa gera / nunca nada está morto. / O que não parece vivo, aduba. / O que parece estático, espera.” (PRADO, 2015, p. 22). Também tenho esse sonho em relação à literatura.

**Você transita por diversas formas e gêneros literários, escrevendo para públicos distintos. Como é seu processo criativo na escrita literária para crianças e adultos? Quais são as opções formais e temáticas que orientam seu método de escrita e seu projeto ético-estético?**

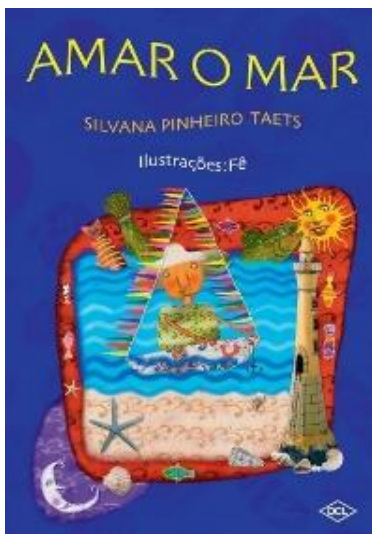
Meu projeto estético-literário, em um primeiro plano, apresenta essa variação em termos de abrangência dos gêneros literários, pois transito entre as narrativas (sejam em prosa poética ou não) e os poemas destinados a crianças e adolescentes, bem como, caminho na produção poética para o público em geral. No entanto, um denominador comum e presente em boa parte dos meus livros é a poesia, enquanto trabalho com e a partir da palavra, como unidade de significação.

Neste sentido, essa característica se apresenta nos textos narrativos, como prosa poética, e na construção dos poemas também. Nos livros de poemas, tanto o *Amar o mar*, para crianças, quanto os demais para o público em geral, essa característica aparece na estrutura dos versos, no ritmo, na musicalidade, característica também marcante nos meus textos. Especificamente no trabalho com a palavra e o verso em suas concretudes, utilizo com recorrência a decomposição e a recomposição de palavras, o jogo com significantes e significados etc.

Em termos de temáticas, meus textos para a infância apresentam uma ligação com os elementos naturais e, indiretamente, com a questão ambiental e os seus desafios de preservação. Mas como toda a realidade onde estamos imersos é também cultural, esse olhar foi se apropriando cada vez mais das dimensões socioambientais. E essa relação, na vida e na literatura, amadureceu com o tempo, embora estivesse presente de forma rudimentar desde as primeiras publicações. Nas últimas, percebo isso ainda mais presente, inclusive pela própria experiência de ter trabalhado como Educadora Ambiental durante um tempo da minha história na Educação, o que me rendeu um olhar sensível para essa temática. Para mim, os ambientes naturais e toda expressão significativa do mundo sociocultural, não só em relação à escrita, são fontes de projeção de muito do que há dentro de mim, com uma grande carga de energia simbólica. Por vezes, isso se transforma em texto escrito.



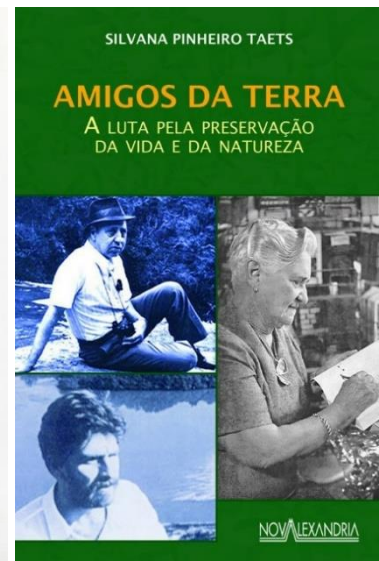
Capa de *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro, livro sobre a trajetória do naturalista Augusto Ruschi (Foto de Ricardo Azoury).



Registros da atuação de Silvana Pinheiro  
na divulgação de obras sensíveis a questões ambientalistas (Acervo da autora).



| Sumário                                        |    |
|------------------------------------------------|----|
| <i>Algumas palavras antes da leitura</i> ..... | 07 |
| <i>Maria Stella de Novaes</i>                  |    |
| Início de conversa.....                        | 11 |
| Sobre dona Stellinha.....                      | 13 |
| O trabalho.....                                | 17 |
| Não sem luta.....                              | 22 |
| <i>Augusto Ruschi</i>                          |    |
| Agora, sobre Ruschi.....                       | 31 |
| Para além de Santa Teresinha.....              | 35 |
| Sua paixão pelos beija-flores.....             | 44 |
| Traços de família.....                         | 48 |
| Batalhas ecológicas.....                       | 51 |
| Doenças abatem a ave rara.....                 | 56 |
| <i>Paulo César Vinha</i>                       |    |
| Sobre Paulo César Vinha.....                   | 69 |
| Os anos de estudo.....                         | 71 |
| As questões ambientais e políticas.....        | 75 |
| Os últimos anos.....                           | 80 |
| A morte.....                                   | 82 |
| <i>Para saber mais</i> .....                   | 87 |
| <i>A autora e o ilustrador</i> .....           | 88 |





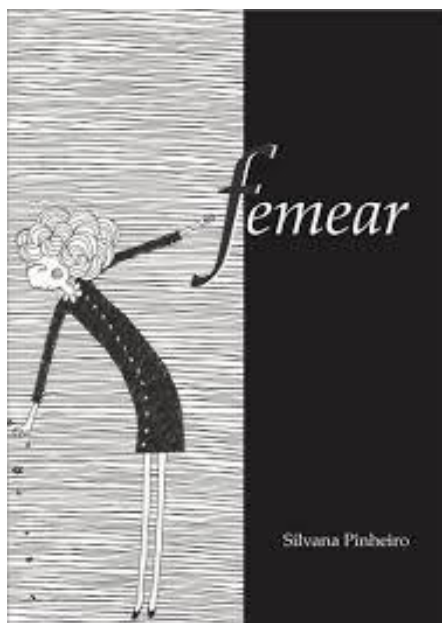
**Encontro com leitores e lançamento do livro:**



**20/07, das 14:00 às 15:30**



E são sempre emergentes também as temáticas relativas às mulheres e toda a existencialidade submersa a essa condição: desafios, problemáticas, a evolução sócio-histórica das mulheres e seus diferentes papéis na sociedade. São aspectos que não têm como se ausentarem daquilo que escrevo, porque também me constituem.





EM "FÊMEAS", SILVANA PINHEIRO aborda diferentes assuntos, do relacionamento a conflitos.

## Livro de poesias com olhar feminino

**A escritora Silvana Pinheiro lança hoje "Fêmeas" e comemora 20 anos do seu primeiro livro, na Biblioteca Pública Estadual**

**Renata Moura**  
A análise humana respaldada por um viés feminista é tema do 10º livro que a escritora apresenta Silvana Pinheiro, de 49 anos, lançou hoje, às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória, o livro "Fêmeas". Embora a palavra já existia como verbo no sentido de "andar como as fêmeas", a autora, que é Mestre em Estudos Literários, estabelece que o título seria um neologismo a partir da ideia de zilhado de animais com fêmealidade. "A palavra semente, na sua origem, tem sua ligação com o masculino. Eu quis trazer esse novo significado para o olhar feminino. Não só os diferentes temas de relacionamentos a conflitos. A ideia de ser feminino, o livro aborda o humano", pondera.

O novo trabalho da escritora traz 35 poemas curtos dispostos em 108 páginas. Silvana, que já lançou trinta e cinco livros, tem sua literatura infansível – seus contos e poemas foram basicamente destinados a esse público –, celebra o livro também como um marco.

"Nos últimos anos, tenho recebido mais livros para jovens adultos. Criei a publicação. O "Fêmeas" é a sétima das diferentes obras de prosa. Eu já vinha produzindo, mas a publicação demorou. É algo que quero comemorar", afirma.

A escolha por versos em formato de poesia foi algo natural à escritora. Sua formação literária teve o acompanhamento do pai, que era músico, e do mãe, que também escrevia poemas. "A preferência está na violência, de ter um olhar, uma sensibilidade contra a violência".

Além de lançar "Fêmeas", Silvana comemora, hoje à noite, os 20 anos de sua primeira obra, "Histórias da Tartaruga". "Não pra que é tão difícil publicar, me considero muito viciosa", finaliza.

**SERVIÇO**  
"Fêmeas"  
O 10º livro da escritora Silvana Pinheiro, lançado hoje às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória, custa R\$ 23,00.  
Onde: Biblioteca Pública Estadual, Rua João Batista Pinheiro, 303, Praia do Sol, Vitória.  
Entrada: gratuita.  
Informações: 3257-0340



Livros de Silvana Pinheiro sobre o tema da feminidade (Fotos sem crédito).

Outra característica atuante em meus poemas é a intertextualidade com as produções dos autores que aprecio e/ou estudei, como Adélia Prado e José Paulo Paes, objetos de estudo no Doutorado e no Mestrado, respectivamente. Bartolomeu Campos de Queiroz, poeta mineiro que escreveu para crianças, teve forte influência na construção de minhas incursões pela prosa poética também. E percebo que algumas pessoas aproximam meus versos da escrita de Cecília Meireles. Considero que podem ter razão, os textos dela povoaram meu desenvolvimento como leitora. Acredito que isso seja até, de certa forma, involuntário, de tanto que fazem parte de mim. Mas sei que tenho uma dívida com ela.



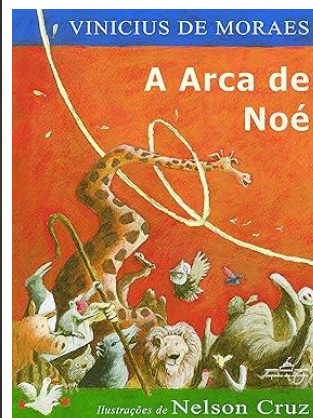
O escritor Bartolomeu Campos de Queirós, uma das admirações literárias de Silvana Pinheiro, capas de alguns de seus livros e folder do Círculo de Leitura sobre o mineiro, conduzido por ela (Foto sem crédito).

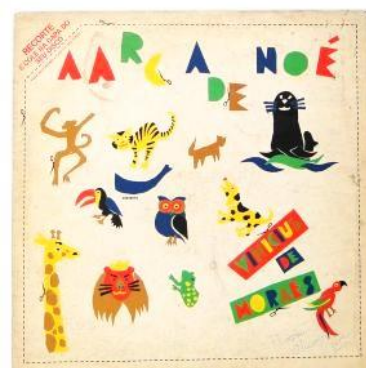
Amei demais os poemas de *Ou isto ou aquilo*. Isso impregnou minha escrita com uma musicalidade entranhada. Só posso agradecer me compararem a essa grande poetisa.



Cecília Meireles e capa de *Isto ou aquilo*, referências marcantes na textualidade de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

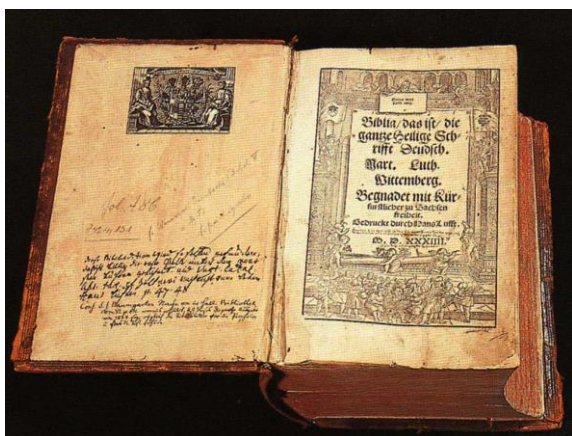
E Vinícius de Moraes também tem o dedo de *A arca de Noé* nos meus versos para crianças. Sou realmente muito culpada de brincar demais com a obra desses autores durante a minha infância, recitando-os, cantando aqueles versos. Foi uma febre, mesmo.





Vinicius de Moraes e capa de *A arca de Noé*, em livro e em vinil, marcos na leitura e na textualidade de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Outra fonte de diálogo intertextual muito marcante é o texto das escrituras bíblicas, vetero e neotestamentárias. A Bíblia é um livro que me acompanha desde tenra idade. Faz parte das minhas leituras diárias e estudo. É impossível que não apareça em significantes e significados de minha produção poética.

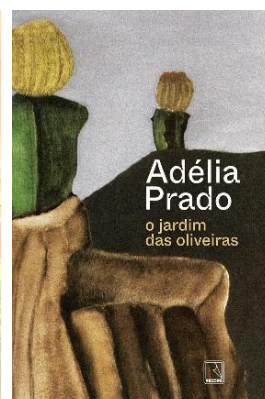
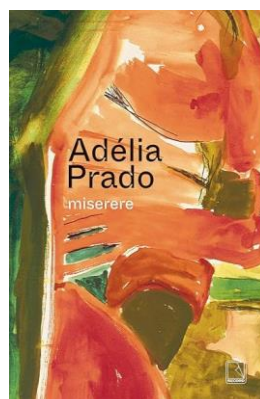


Exemplar da *Bíblia* de Lutero, de 1534, base do cristianismo protestante, cujos temas são recorrentes na textualidade de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

**Sua tese de doutorado localiza a obra de Adélia Prado entre os discursos poéticos da contemporaneidade brasileira, identificando os modos como seus versos são recebidos pela crítica. Sob esse viés, o que você diria sobre a sua própria obra literária? Concorda que há, em sua**

**poética, uma “pulsão criativa” e um “lirismo meditativo”, se me permite a analogia com os movimentos líricos fundamentais identificados por Augusto Massi na obra adeliana?**

Penso que talvez haja certa identificação, sim, sobre o meu fazer poético com o trabalho de Adélia Prado. Muito mais pela via temática e semelhante diálogo intertextual com as escrituras bíblicas, talvez, e reflexões sobre a espiritualidade e a relação com o ambiente natural, bem como relativa a aspectos éticos das mulheres. Sou uma leitora assídua de sua obra, antes mesmo de vir a estudá-la. E isso motivou também o desejo de pesquisar sobre sua produção poética no Doutorado.



Capas dos livros de Adélia Prado,  
poeta fundamental na textualidade de Silvana Pinheiro.

Talvez o fator de maior identificação ética, e de viés crítico também, nos textos e na vida, seja algo que para Adélia é muito importante existencialmente e para mim também: a fé no Evangelho de Jesus de Nazaré. Ela vem de uma matriz cristã católica, e eu, originalmente, sou de origem protestante, embora cultive o diálogo com diferentes frentes religiosas, não somente da fé cristã. Percebo que isso enseja atitudes comparativas, embora o meu texto apresente escolhas formais bem distintas em relação à obra adeliana.



Afresco de Giotto di Bondone (século XIV), *Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém*, base do cristianismo, um dos temas de relevo na poesia de Silvana Pinheiro.

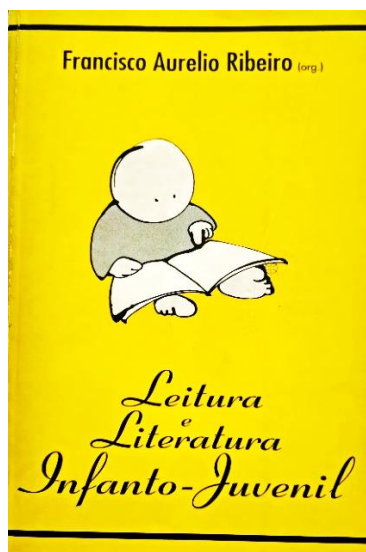
Assim, admito, tanto na minha realidade, quanto na dela (embora nem de longe compare minha produção com a obra de Adélia), as similaridades dizem mais respeito a aspectos temáticos, que perpassam nossos textos e nossas vidas, nem sempre compreensíveis e apreciáveis por quem não vivencia as mesmas experiências existenciais. Penso que, na compreensão de alguns, talvez os vieses cristãos de nossos versos se emaranhem com os descaminhos históricos do Cristianismo e seus adeptos no mundo, que admito, são reais e de consequências nefastas. A meu ver, Adélia sofreu resistências críticas ao seu fazer poético, em especial, no início de sua carreira, também por conta desses aspectos, principalmente. Da mesma forma, em menor escala, proporcional ao reconhecimento da obra, meu trabalho talvez suscite percepções semelhantes,

por conta de minhas buscas pessoais, não só na literatura, mas na vida, de me mover como seguidora de Jesus Cristo, aprendizado permanente, em que me vejo ainda com muito chão para caminhar.

Lamento que para alguns a dimensão da espiritualidade não caiba como tema dos fazeres poéticos. Essa é uma questão ampla, complexa e controversa. Digo isso não só em relação às expressões da religiosidade cristã, mas de outras manifestações de espiritualidade, que, parece-me, ao longo dos séculos em nosso país, ainda foram ainda mais alvos de preconceitos, como as expressões de matriz africanas e indígenas, por exemplo.

**Hoje, seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprova este portfólio da revista *Fernão* dedicado ao estudo de sua obra literária. Como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra? E como compreende o contexto amplo de recepção de seus textos desde os anos 1990 — literário, cultural, intelectual, linguístico, socioeconômico e político?**

A esse respeito, o que posso dizer é que tive oportunidades de publicação, o que no contexto da época em que comecei a produzir, nos anos 90, não era uma coisa simples, sobretudo aqui no nosso estado, pois praticamente não tínhamos editoras, ou tínhamos pouquíssimas, para nichos bem específicos. Tive esse privilégio e muitos apoios, que valem a pena nominar: do Professor Francisco Aurelio, por exemplo, que foi um grande impulsionador da literatura infantil no Espírito Santo, para muitas pessoas e para mim também; também dos coletivos de que fiz parte, como o Proler e o Pró-Leitura, a Aeilij, a Rede de Alfabetização e outros.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Leonardo Sá) e capa de *Leitura e literatura infanto-juvenil*, um dos livros por ele organizado em que se estuda e divulga a literatura para crianças e jovens no estado e no Brasil.



Silvana Pinheiro, no evento Café Literário do SESC Glória, em Vitória, 2007, com Rita Maia e Francisco Aurelio Ribeiro (Acervo da autora).

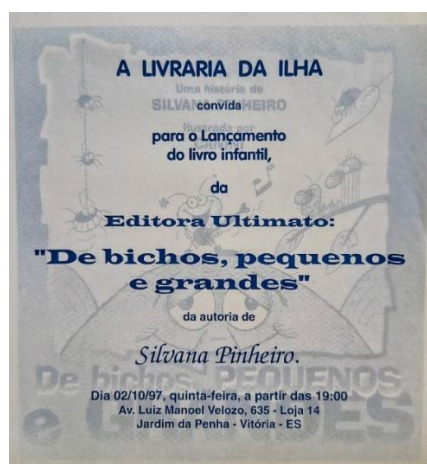


Cartão da AeiliJ, de que Silvana Pinheiro participou.

E obtive impulsos de divulgação por parte de livreiros, das livrarias Logos, A Edição e Livrarias da Ilha e do Estudante.



Silvana Pinheiro no lançamento do seu *De bicho, pequenos e grandes*, na Livraria da Ilha, em Vitória, 1997. À direita, Danilo Vieira, dono da livraria (Acervo da autora). Ao lado, o marcador de livro e, abaixo, o convite para o lançamento.



Tenho como elemento facilitador de divulgação também o fato de ser uma pessoa ligada à educação e reconhecida pelo meu trabalho nesse campo, que é o de maior recepção dos textos para crianças, adolescentes e jovens. Conquistei muitas entradas em escolas, pelo acesso a esse meio, aos sistemas públicos de ensino, aos professores e demais profissionais de educação, o que viabilizava a divulgação. E tudo isso com muita dedicação e seriedade com meu trabalho, muito desejo de ver meus livros conhecidos pelas crianças, e não sem os desafios que toda mulher enfrenta.

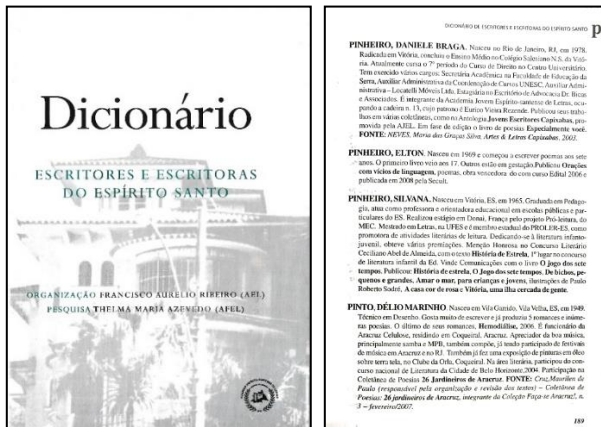


Silvana Pinheiro atuando em diversas instituições de ensino públicas e privadas para divulgação da leitura e dos seus livros (Acervo da autora).

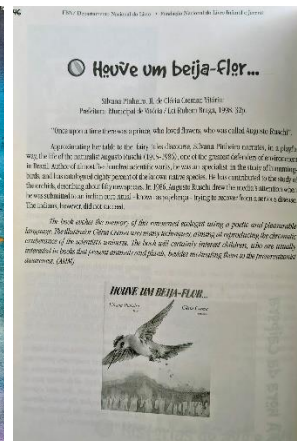
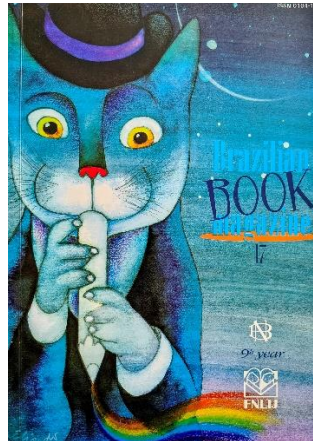
Considero, ainda, que esse conjunto de entradas e apoios contribuíram para a construção de um público leitor, que hoje já é adulto. Volta e meia encontro alguém que teve oportunidade de se formar como leitor também por meio dos meus livros. Isso é uma grande alegria e realização.

Percebo que, em geral, e em nosso estado, de modo específico, meu trabalho é apreciado, citado, reconhecido, valorizado, em sua singularidade e características peculiares. Tudo isso me faz olhar para minha trajetória com gratidão. No mais, são as mal traçadas letras, como é para muita gente. Como diz um amigo, somos imperfeitos, nos relacionando com gente imperfeita, em um mundo imperfeito. Poder conquistar o respeito ao meu trabalho, a despeito dos desafios do percurso, desafios em mim mesma e nos contextos de vivências pela vida afora, é uma alegria e um presente que recebo da existência com gratidão.

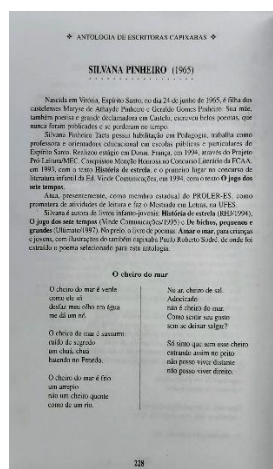
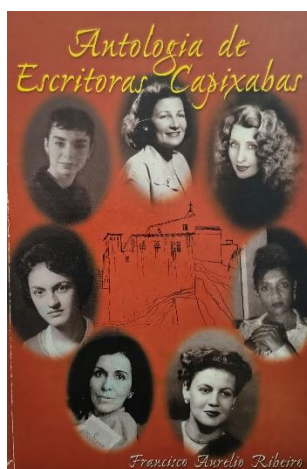




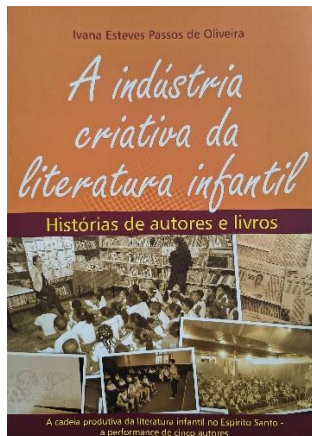
Verbete sobre Silvana Pinheiro no *Artes e letras capixabas*, de Graça Neves, e no *Dicionário escritores e escritoras do Espírito Santo*, de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo.



Capa da *Brazilian Book Magazine*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJI), e página em que se reporta o livro *Houve um beija-flor*, de Silvana Pinheiro.



Capa da *Antologia de escritoras capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e página dedicada à obra de Silvana Pinheiro.



#### 4.3. Rompendo as fronteiras do Estado com Silvana Pinheiro

"O escritor de livro infante no Espírito Santo hoje para publicar, não precisa desenvolver mais para distribuir".  
Silvana Pinheiro

Silvana Pinheiro é natural de Vitória, capital do Espírito Santo. Mestre em Teoria Literária pela UFES, graduada em Letras e Pedagogia, atua como educadora na Rede Estadual de Ensino e como prestadora de serviços em palestras, cursos e oficinas ligadas à formação de escritores de literatura, além de escrever livros. Muitas de seus livros já foram selecionados para compor o acervo de livros de política e paratextos de livros no Brasil. Recentemente, também recebeu de destaque em quadros e materiais didáticos, conferências e eventos. Ainda, Silva, desde 2004, sua comunidade em direção a se interessar pela literatura e a escrever. Hoje, compõe o livro publicado, com foco em crianças e jovens.

Com sua obra, Silvana Pinheiro de estreia (1994), no gênero infantil, pela editora RDT (RDT), com ilustrações de Márcio Trancoso. O livro, dois anos depois (1996), foi reeditado pela Editora Vinte e Duas Letras (EDV), com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2000, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2001, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2002, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2003, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2004, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2005, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2006, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2007, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2008, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2009, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2010, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2011, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2012, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2013, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2014, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2015, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2016, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2017, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2018, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2019, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2020, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2021, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2022, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2023, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2024, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2025, foi publicada pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso.

A obra integra a coleção de 1996, e RDT, RDT, projeto em português.

Capa de *A indústria criativa da literatura infantil*, de Ivana Esteves, e página dedicada ao percurso de publicações de Silvana Pinheiro.

**27 junho a 6 de julho/2003**  
Shopping Vitória - Vitória - ES

**Bienal Capixaba Do Livro**

**Tema: Leitura, Memória e Cidadania**

**SEMINÁRIO**

**OPINIAS**

**MINI-CURSOS**

**PALESTRAS E MESAS REDONDAS**  
Auditorium Convention da Praia - 200 vagas

**PALESTRAS**

**MESAS REDONDAS**

**PROGRAMAÇÃO PARALELA:**

- Oficinas
- Palestras
- Mesas Redondas
- Debates
- Lançamentos de Livros
- Sessão de Autógrafos
- Teatro de Fantoques
- Contação de Histórias

**Informações/Inscrições:**  
(71) 3084-5361 / 3235-7774  
Valor de inscrição: R\$ 20,00 (por palestra ou oficina)

**Café com Letras**

**Silvana Pinheiro**

Escritora destaque desta quinta-feira, dia 23/10.

Arte ao vivo de Pamela Reis e musicalidade de Marcus Trancoso

O Shopping Norte Sul recebe nesta quinta-feira, dia 23/10, a escritora Silvana Pinheiro, que já é parceira do evento e se apresenta desde o início do projeto cultural Mestre em Estudos Literários da UFES, graduada em Letras e Pedagogia, atua na Rede Estadual de Ensino e presta serviços em palestras, cursos e oficinas ligadas à formação de mediadores de leitura, Silvana vai apresentar seu novo livro, *Fêmea*.

Ela também é autora dos livros "Amigos da Terra", Vitória, uma ilha cercada de terras; "Amor ao Mar"; "A Casa Rosa" e "História de Estrela" são de sua autoria e alguns fazem parte do acervo de escolas por todo o país. Também escreve roteiros de histórias em quadrinhos e diversos materiais voltados para o público infantojuvenil.

Teremos a apresentação do Grupo Marias. Também a artista plástica Pamela Reis traz seus quadros para embelezar o encontro e conta com a participação especial de cinco artistas do Centro de Vitória da Terceira Idade e o músico Marcus Trancoso.

ENTRADA FRANCA

Patrocinadores das letras

Vale, Logos, Banestes, FVX, Banes, SBC, Shopping Norte Sul

## Salão do Livro CAPIXABA

LIVRO

**"Feita em Casa"**

SILVANA PINHEIRO

Capitania dos Portos/ES  
(Ao lado da Praça do Papa)

**Dia: 23 às 14h**

Folders e cards de eventos culturais com a participação de Silvana Pinheiro.

### Polêmica no mundo dos insetos

"Quem é o mais polêmico, quem vive o bem viver e de Deus está mais perto?" A pergunta compõe a história de **Barbas Popo e o mundo dos insetos**, um livro infantil lançado hoje, às 19h, na Livraria de Ilha, em Vitória.

A autora do livro é a gaúcha Silvana Pinheiro, escritora e educadora, e a ilustradora de Letícia Pinheiro.

21/01/1997

### 4C2. ROTEIRO

TERÇA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 2001. A GAZETA

#### Terceira na São Firmino

A dupla Evandro & Ranieri promete agitar o São Firmino Botocim com o melhor do sertão, a partir das 22h. Nos intervalos, o DJ Thaís Gonzales anima a casa.

São Firmino Botocim (Rua de Paulo, 1250, Santa Lucia, Vitória). Ingressos: R\$ 20 (descontado a R\$ 10 para estudantes). Informações: (51) 3201-6000.

#### Festival de Teatro de Guaçuí

A décima quinta edição do festival acontece até sábado, no Teatro Municipal de Guaçuí. Três peças serão apresentadas hoje, como "Anjo e Abacate" (19h), do Repertório Artes Cênicas e Cia.

Confira a programação na grade abaixo. Ingressos: R\$ 5 e R\$ 10 (12 anos).

#### Literatura

**Silvana Pinheiro lança livro em Vitória**

Às 19h, a escritora Silvana Pinheiro lança "Femur", sua primeira obra de poesias para adultos. O livro é composto por 35 poemas e será vendido por R\$ 25.

Na Biblioteca Pública Estadual, Rua João Batista Pereira, 355, Praia do Sul, Vitória. Entrada gratuita.

### Palavras para crianças

Prova dos 9

**Tome nota**

25/01/1997

### Livro de poesias com olhar feminino

A escritora Silvana Pinheiro lança hoje "Femur", seu primeiro livro de poesias para adultos, na Biblioteca Pública Estadual.

Ranieri Moreira

25/01/1997

### "Novas gerações lidam com uma vida irreal"

Escritora defende a importância da leitura para as novas gerações e aponta as mudanças causadas pelos novos tempos digitais.

Silvana Pinheiro

25/01/1997



Publicações com notícias e matérias sobre a literatura de Silvana Pinheiro.



Participação de Silvana Pinheiro em eventos culturais (Acervo da autora).



Prints da entrevista de Silvana Pinheiro a Natália Gadioli no programa *Um dedo de prosa*.

Por outro lado, reconheço que todas as conquistas são também fruto de um privilégio, que advém de minha origem de classe e por ser branca. Se para mim foi e ainda é desafiador publicar, sei que muitos talentos não tiveram chances educacionais, culturais e editoriais como as minhas, por suas condições de etnia e classe. O que é lamentável.

Realmente é um caminho de enfrentamento de muitos percalços: publicar, divulgar, vender e se manter no mercado editorial brasileiro, em especial, no Espírito Santo, ainda hoje. Felizmente, nos últimos anos, temos muito mais oportunidades de financiamento e outras, que tornam o meio editorial mais democrático em oportunidades, ainda que não proporcionais aos desafios do mercado.

Além disso tudo, o meu trabalho alcança também um nicho específico que é o meio cristão protestante, minha origem religiosa, onde construí também apoios e parcerias. Parte do meu trabalho teve uma boa entrada nesse campo, especialmente fora daqui do estado.

Então, eu diria que o alcance do meu trabalho perpassa muitas pessoas, cenários e instituições, de vários espectros e campos, daqui e de fora do nosso estado, relacionadas às escolas, públicas e privadas, em todos os níveis de ensino, onde atuei como formadora de leitores e de outros formadores; às bibliotecas públicas, particulares e comunitárias; às livrarias; às Academias de Letras; à Universidade e outras instituições de Ensino Superior, onde lecionei; às comunidades de fé etc. Em todos esses lugares, construí convivências e oportunidades de divulgação dos meus livros.

Dessa forma, considero que o reconhecimento vem de muito trabalho e da qualidade do meu fazer literário também, sempre em construção, bem como das oportunidades bem aproveitadas de convivência em diferentes campos de saberes, não sem o enfrentamento de muitos obstáculos. Em tudo, aprendi muito. E, vale lembrar, tirei muito dinheiro do bolso para isso. Investi eu mesma no meu trabalho literário, como vários autores locais e por aí a fora, quando me faltaram oportunidades de publicação. Posso dizer que doeï muitos dos meus livros. E vendi alguns. Poucas vezes em quantidade desejável. E nunca tive a ilusão de viver da venda de livros. Por isso, sempre dividi meu tempo como escritora e outras atividades profissionais.

**Na entrevista concedida a Luciano Rangel (2024), você afirmou que a sua ligação com a literatura infanto-juvenil veio do trabalho como educadora. Em que medida a crítica, a teoria e as trocas propiciadas nos espaços escolares e acadêmicos influenciam seu processo criativo e seu trabalho de escrita literária para crianças, jovens e adultos?**

Acredito que minha convivência no meio acadêmico, seja na área da educação, seja na literatura ou em outras áreas de interesse em que tive ou não formação específica, mas se constituíram campos de estudo pessoal ainda hoje, enriqueceram muito o meu processo criativo, em termos de temáticas, reflexões e indagações que me atravessam existencialmente. E continuam a influenciar.



Prints da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

Aprecio o estudo científico, sempre, e o diálogo com os ambientes escolares e acadêmicos, desde que sejam engendrados de forma respeitosa e honesta, pois os bancos escolares também podem ser ambientes desafiadores, atravessados por muitas variáveis econômicas, sociais, culturais e pelas relações de poder que o saber impõe às convivências. Tudo isso é fato, faz parte do enfrentamento de discursos de muitas ordens e perpassa o meu trabalho literário de uma forma ou de outra.

No caso da literatura para a infância e a juventude, meu maior acesso a ela foi pela via dos programas de incentivo à leitura, ligados sempre, como não pode

deixar de ser, às maiores instituições responsáveis pela formação de leitores no país, que são as escolas e os diferentes sistemas de ensino, sobretudo porque, para a grande maioria da população brasileira, a possibilidade de acesso ao livro é via escola pública. Nesse contexto, com todos os programas que a circundam, conheci e estudei a obra e a produção dos grandes escritores e ilustradores do Brasil e do mundo, evidentemente numa época em que o número deles era mais fácil de acompanhar. Com a democratização de espaços para autores, ilustradores, editoras e produções culturais para a infância, e estando fora do espaço institucional onde os livros circulam, tenho mais dificuldade de me manter atualizada sobre o que é produzido nessa área, ainda que busque espaços para isso.

Assim, compreendo que quem deseja escrever para crianças deve se alimentar da leitura de bons textos escritos para esse público, não só de autores que trataram de temas de suas próprias infâncias, mas que buscam dialogar com as infâncias da atualidade. Porque não há uma infância idealizada, existem muitas infâncias concretas, em diferentes espaços e tempos. Nesse sentido, para uma mulher que foi criança nos anos 70 do século passado dialogar com a infância da primeira metade do século XXI é um desafio enorme. Mas o trajeto é possível. Espero ainda empreender esforços e livros nessa direção.

Vale dizer, ainda, que tenho uma tendência a dispersar muito as minhas leituras e reflexões, os meus estudos em diferentes áreas, de diferentes saberes. Se atuasse no meio acadêmico, hoje, talvez o foco no campo da literatura fosse mais consequentemente construído, pois isso facilita acompanhar o desenvolvimento científico na crítica, na teoria, no campo específico de atuação. Não é a minha realidade, que é pulverizada de estudos e leituras em muitos campos. E sou uma só: um espaço presente de existencialidade, para recepcionar tudo isso e transformar em maneiras singulares de expressão, também na literatura para a infância, na poesia e em e outras expressões criativas.

**O Espírito Santo e o Brasil, de modo geral, enfrentam o desafio da democratização do acesso à literatura e às artes, o que implica, por consequência, a necessidade educativa de formar leitores. Considerando sua vasta experiência como professora, técnica pedagógica e escritora, como você avalia o papel das instituições públicas e privadas nessa tarefa educativa? Quais são os principais desafios para a formação de um público leitor, tanto para escritores estreantes quanto para escritores veteranos?**

Penso que, em pleno final do primeiro quarto do século 21, ainda enfrentamos muitos desafios em relação à Educação de um modo geral e à formação de leitores em particular. E para mim é difícil constatar isso, porque trabalhei 32 anos em educação, sou aposentada há quatro anos, e percebo que ainda temos tanto por avançar na formação de um país leitor.

Não trago essa afirmativa aqui como um olhar pessimista, embora não seja possível não ter um certo pessimismo, porque percebo, em torno do campo educacional e da produção de materiais educativos e culturais para a infância, muitas das mesmas discussões e questões com as quais eu me debatia nos diferentes coletivos de que participei nos anos 1980, 1990, 2000. Isso é desanimador.

Por outro lado, hoje temos muito mais editoras, muita gente escrevendo e encontrando formas de publicar, muitos editais de cultura e variadas formas de acesso aos livros. Mas, infelizmente, ainda que no atual governo seja perceptível o incentivo à cultura de um modo geral, percebo que, na última década, perdemos muito daquilo que havíamos conquistado para a Educação em geral, pós Constituição de 1988, com muito empenho e dedicação. Então, olho para a realidade da escola, seja pública ou particular, e presencio certa paralisação nas mesmas questões. Parece-me que lidamos com os mesmos desafios de há

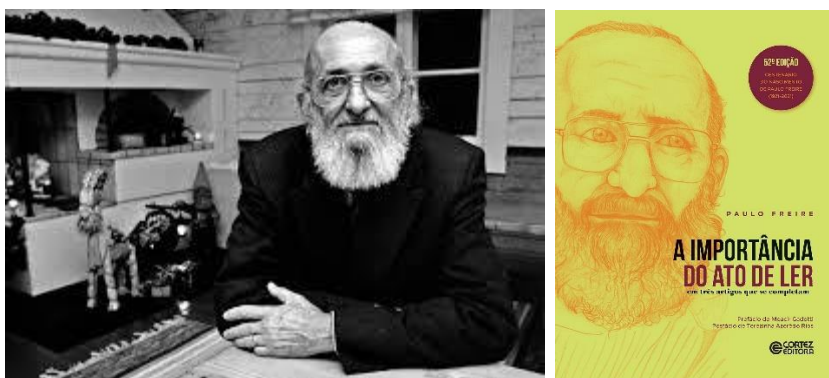
décadas. Temos, então, muito a avançar, não só celebrando a democratização do acesso à escola, que já superamos de alguma forma. Hoje temos uma população brasileira que tem acesso, mas poderíamos estar muito mais à frente em termos de qualidade da educação, principalmente falando de escola pública.

Aqui não vai uma crítica generalizante. É evidente que temos bons projetos institucionais, bons projetos escolares e de professores, que dentro desse contexto tentam fazer um bom trabalho e fazem. São eles que heroicamente fazem a diferença. Mas precisamos de políticas públicas eficazes que não sejam abaladas por mudanças de projetos partidários ou de governos, que subsistam a essas contingências, que tenham uma intenção de ultrapassar as barreiras locais e de tempo e que permaneçam e se atualizem. Inclusive, esse é um bom momento para se falar nisso, quando estamos próximos às novas eleições. É preciso ouvir candidatos que tenham essa preocupação, de não deixar apenas seus nomes em algum projeto personalista, mas que realmente possam estabelecer bases duradouras, para que, talvez, daqui a uma geração de crianças e jovens, possamos ter uma realidade diferente.

Vejo com preocupação também, não só no Brasil, mas no mundo todo, que há um retrocesso nesse sentido, um crescimento cada vez maior da desigualdade social e econômica e uma busca de retroceder em relação à conquista de direitos, que deveriam nortear todas as sociedades humanas do nosso planeta. Vivemos um tempo de banalização das conquistas de direitos históricos e uma certa volta a um tempo de violência, de defesa de interesses cada vez mais particulares, de corporações pautadas na valorização da ganância, do poder, do lucro, em detrimento do crescimento das populações como um todo e do respeito, especialmente, àquelas parcelas das populações que são mais vulnerabilizadas por nossas escolhas na história.

Ainda que pareça uma visão pessimista, o que desejo é não alimentar um olhar ingênuo sobre a realidade que vivemos. Ainda assim, escolho diariamente me

apoiar numa condição de esperança e, aqui, cito Paulo Freire, a quem reverencio, um grande educador brasileiro, que influenciou e influencia a minha visão de mundo, não só na educação. Reitero que, na verdade, busco a condição de esperar, que é mais do que simplesmente a expressão de um sentimento ou uma sensação, mas uma escolha de ação, em pequenos atos da vida, dos estudos, do trabalho e daquilo que crio como expressão, seja na literatura ou não.



Paulo Freire, referência para Silvana Pinheiro, e capa de um de seus livros (Foto da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação).

**Como você lida com o eventual uso paradidático de seus textos literários? O que você diria a professores e estudantes que leem seus livros em sala de aula?**

Lido bem, em parte, talvez pelo fato de vir do contexto da Educação. Não acredito que os textos literários se apresentam no mundo de forma isolada de outras realidades da vida, inclusive dos processos educativos e como fonte de diversão. Secundariamente, eles sempre ensinam e divertem. Então, se são usados também para fins paradidáticos ou de entretenimento, é uma implicação menor.



Registro da atuação de Silvana Pinheiro  
em escolas e eventos (Acervo da autora).

Minha questão é anterior: como é feita a mediação em relação ao livro que chega à escola? Porque até chegar às mãos das crianças e adolescentes, há inúmeros mediadores: escritores, ilustradores, editores, distribuidores, divulgadores, sistemas de ensino, bibliotecários e profissionais da educação. A utilização como recurso em áreas diversas, em si mesmas, não é o maior problema. Precisamos, sim, de uma política eficiente de propagação do livro e da leitura que dissemine concepções claras do que seja um texto literário, inclusive na formação dos profissionais da escola básica, para que a mediação junto aos leitores em formação seja competente, sem imposição de valores ideológicos.

Embora – não cabe aqui ingenuidade – todo ato de mediação em si é ideológico, mas a construção do objeto livro e seu acesso nos espaços escolares precisam ser norteados pela não imposição de valores ideologicamente alienantes. Como Paulo Freire afirmava, tudo isso depende de uma condição primeira: a serviço de quem está colocada tal tendência ideológica? Da humanização dos atores da escola ou de sua alienação? E é possível estabelecer uma mediação de leitura como ato educativo que não seja atravessada por uma imposição de significados, mas permeada pelo diálogo. Assim, relembro também com satisfação o princípio do diálogo socrático, que é a possibilidade de fazer com que o outro construa um sentido, no caso, para o texto literário e para a vida, que seja a partir de suas

próprias necessidades e condições como sujeito leitor, buscando construções pessoais e coletivas, com respeito às suas condições concretas de vida, seu momento sócio-histórico, econômico e cultural.

Acredito nisso. Acredito que a educação é um espaço de diálogo, portanto, cabe ao mediador da leitura dos textos literários, e de qualquer recurso de conhecimento, se colocar à serviço da humanização e do desenvolvimento integral daquele com quem interage como aprendiz.



Estudantes apresentando trabalho oral sobre *História de estrela*, de Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

Então, para mim, o uso paradidático ou o uso como entretenimento é uma questão menor. É impossível que os livros de literatura infanto-juvenil não ocupem um espaço paradidático, por exemplo, uma vez que o acesso ao livro para nossa população, para a grande maioria das crianças brasileiras, é por meio da escola. Seria uma ilusão não considerar que ele vai estar vinculado às questões curriculares.



Lançamento do livro *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro, em 1999 (Acervo da autora).

Por outro lado, como autora, às vezes fico surpreendida com leituras reducionistas em relação aos meus livros. Se alguém se aproxima de um livro meu, como *Amar o mar*, *Houve um beija-flor*, ou mesmo o mais recente, que tem um viés ambiental mais claro, *Notícias para Marina*, e os define com uma tarja, uma legenda, uma rubrica, categorizando-o apenas como um texto ambiental, isso me incomoda. E o fato é que esse enquadramento começa desde a elaboração do catálogo da editora, e, também, antes disso, na maioria dos editais e programas que selecionam os livros para as escolas. Quando chega à escola, essa condição é consequente.



Capas de alguns livros literários de Silvana Pinheiro com tema ambientalista.

Por isso, a formação dos profissionais que fazem a mediação da leitura nas salas de aula precisa ser muito eficiente, para que, quando o livro chegar ao contexto escolar, mesmo trazendo um enquadramento inicial, o trabalho de leitura possibilite também o questionamento desses reducionismos, em grande parte, propositais.

**Seus livros infanto-juvenis são realizados em coautoria com diversos ilustradores e ilustradoras, revelando distintas composições entre o verbal e o não verbal. Como você pensa e cria as relações entre essas**

**duas linguagens? Como se estabelece o diálogo com seus ilustradores e ilustradoras? De que modo as ilustrações influenciam sua aproximação ao objeto literário — ou vice-versa?**

Bem, uma vez que a minha inserção na produção de livros se deu por meio da produção de livros infanto-juvenis, sempre me afeiçoei às discussões sobre a questão da ilustração pertencente a esse tipo de publicação, que se constitui um objeto composto de diferentes linguagens, verbal e não verbal. E ambas têm força. No entanto, em um primeiro plano, a linguagem não verbal tem mais força, porque aparece ao leitor de imediato, desde o primeiro contato com o livro.

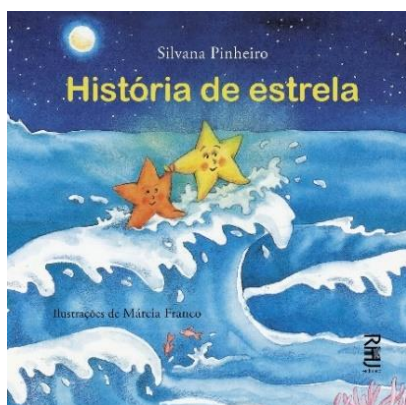
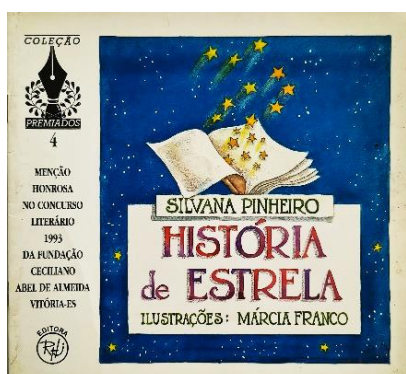


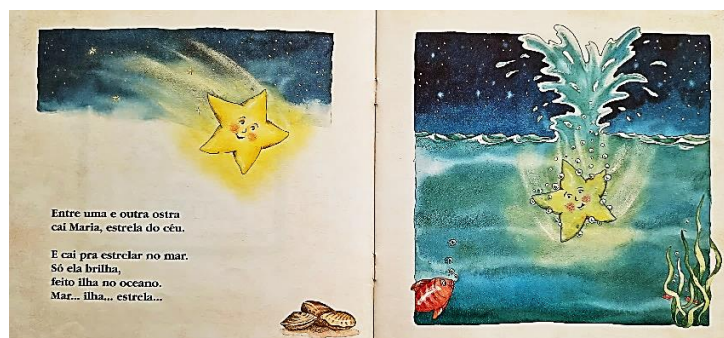
Silvana Pinheiro em visita a um salão de livro infantojuvenil, em Paris, França, em 1994 (Acervo da autora).

Nesse sentido, entendo que esse objeto cultural requer realmente uma preocupação com sua construção e com o diálogo entre essas duas linguagens. Isso também é uma discussão antiga e histórica em relação à literatura infanto-juvenil, e essa preocupação deveria estar muito presente para aqueles que são responsáveis pelos projetos editoriais dos livros para crianças e para os mediadores de leitura.

No meu caso, em especial, na maioria dos livros que publiquei e ainda circulam, a escolha dos ilustradores ou ilustradoras não foi determinada por mim, mas pela editora. Na medida que entregamos um texto a um produtor editorial, vendemos os direitos sobre o texto para a editora e delegamos o direito da organização do projeto editorial a ela também.

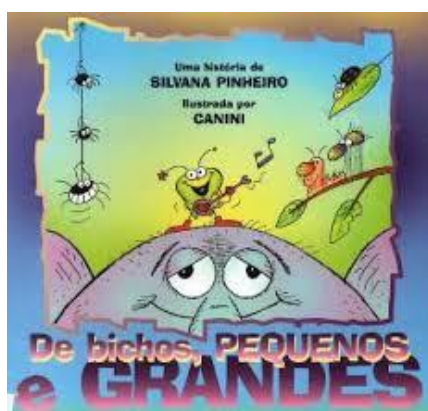
Desde o início da minha trajetória de publicação, me deparei com essa realidade, já com o primeiro livro, *História de estrela*, da RHJ, na experiência com a Márcia Franco, como ilustradora. Tive bons resultados editoriais, fui beneficiada com competentes criadores de ilustrações para os meus livros.



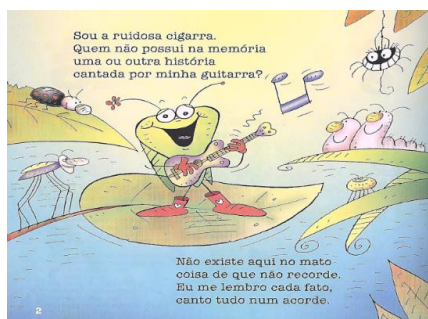


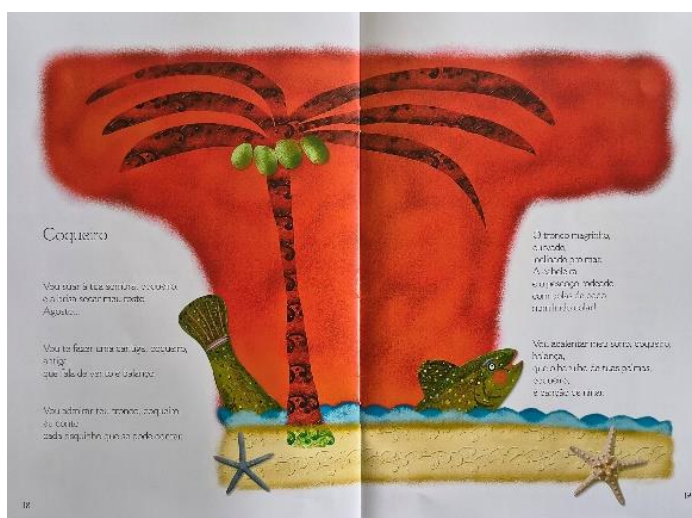
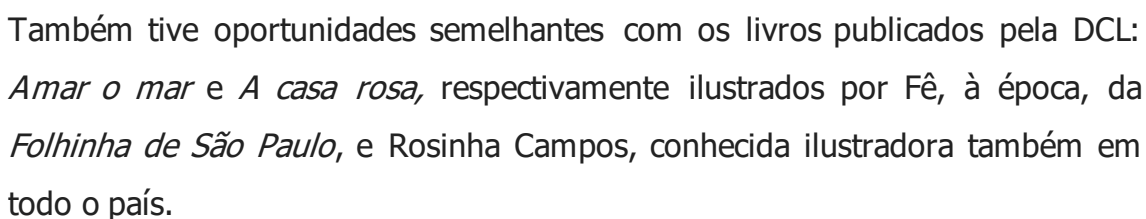
Capa e ilustrações de Márcia Franco  
para *História de estrela*, de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Tive, por exemplo, no contexto editorial cristão, um livro ilustrado por Canini, da Editora Ultimato. Canini foi um grande cartunista, conhecido em todo o Brasil, que ofereceu ao meu livro *De bichos, pequenos e grandes* uma ilustração de que gostei muito.

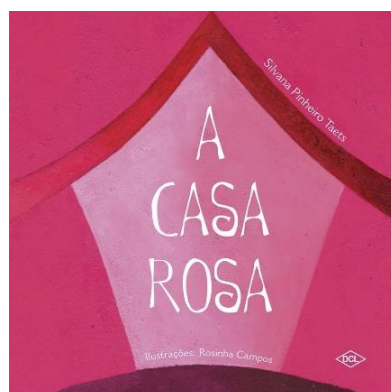


Capa e ilustrações de Renato Canini (Foto sem crédito) para *De bichos, pequenos e grandes*, de Silvana Pinheiro.



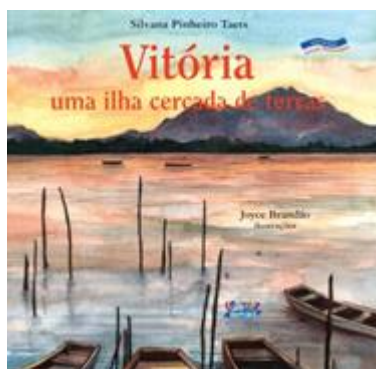


Capa e ilustrações de Fê para *Amar o mar*, de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

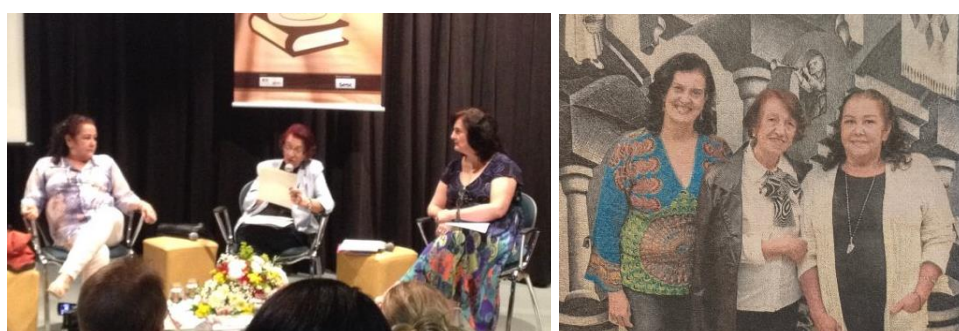


Capa e ilustrações de Rosinha Campos para *A casa rosa*, de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Outro livro meu, esse, sim, paradidático, publicado pela Editora Cortez, *Vitória uma ilha cercada de terras*, recebeu uma bonita ilustração em aquarela, da Joyce Brandão, quando ainda professora do Centro de Artes da Ufes.



Capa de *Vitória, uma ilha cercada de terras*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Joyce Brandão (Foto sem crédito).

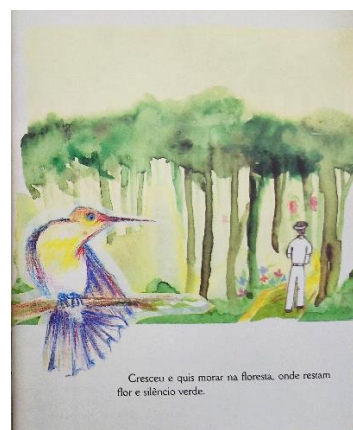
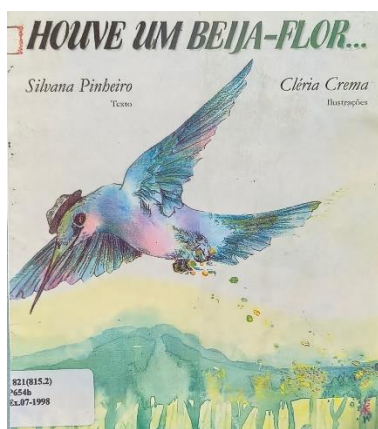


A ilustradora Joyce Brandão (à esquerda), Neila Geaquinto e Silvana Pinheiro, no evento Café Literário do SESC Glória, em Vitória, 2014.

Em todos esses casos, não fui eu quem escolhi o profissional para ilustrar, com exceção da Joyce, indicada por mim. E, mesmo nesse caso, a decisão final sempre coube à editora quanto ao projeto editorial como um todo. Não decidi sobre as definições gráficas, nem sobre as técnicas de ilustração utilizadas pelos profissionais escolhidos. Em alguns poucos casos, como esse da Joyce, pude ser envolvida em um diálogo sobre alguns aspectos do trabalho de ilustração, muito mais por iniciativa dela.

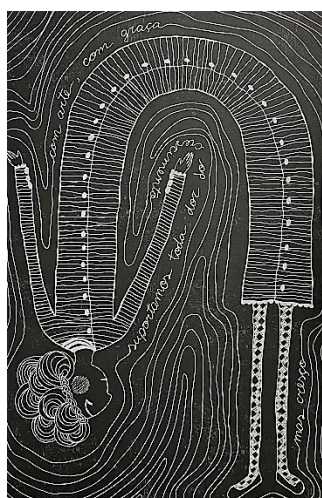
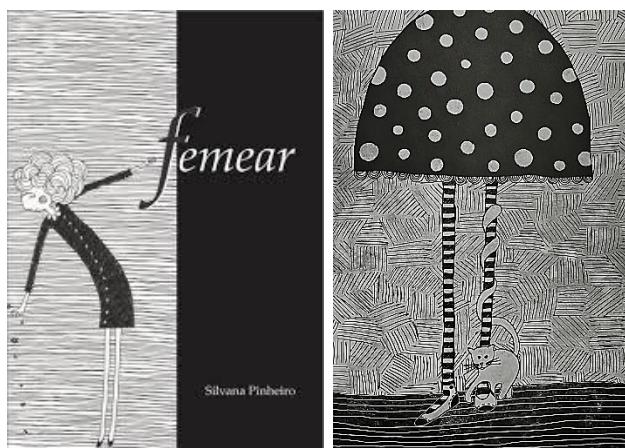
Em determinados momentos, fui feliz por contar com ilustrações que apreciei ou aprecio; em outros, só pude acolher as escolhas editoriais e dos ilustradores, mesmo não satisfeita com o resultado. É sempre um risco. De qualquer forma, compreendo que, no que se refere ao projeto gráfico e às ilustrações, esse é um campo vasto de estudo, que requer profissionais preparados para o trabalho.

Em alguns momentos, também, eu mesma me propus a fazer o trabalho editorial, com recursos próprios, livros que patrocinei ou foram patrocinados por leis de incentivo fiscal, como a Lei Rubem Braga, quando da primeira edição de *Houve um beija-flor*. Nesse caso, escolhi uma ilustradora capixaba, Cléria Crema, propus técnicas de ilustração, padrões do projeto gráfico etc. E a Cléria fez uma bonita ilustração, dentro das condições financeiras e da pouca experiência que tínhamos naquele momento. E o livro ficou bom, logo se esgotou e teve boa aceitação.



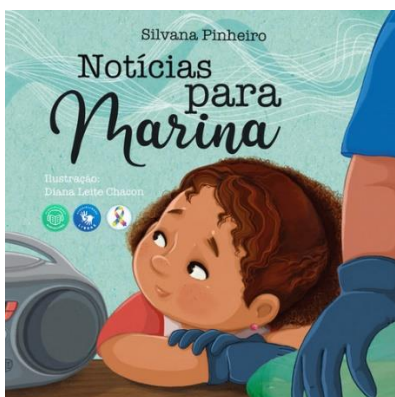
Capa de *Houve uma vez um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Cléria Crema (Foto de Mônica Sant'Anna).

Vivenciei algo semelhante quando produzi meu primeiro livro de poemas, *Femear*. Assumi o projeto editorial, junto com meu irmão, Rogério Pinheiro, contando com a bonita ilustração em preto e branco de Pri Sathler. Em ambas as situações, tive bons resultados e fiquei satisfeita com todo o processo.



Capa de *femear*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Pri Sathler (Foto sem crédito).

Em relação ao meu último livro para a infância, *Notícias para Marina*, editado por uma editora local, a Formar, pude escolher a ilustradora e acompanhar bem de perto todo o processo de ilustração. Fiquei feliz com a experiência e o resultado. Eu e Diana Chacon vivemos um diálogo feliz. Foi enriquecedor discutir as ilustrações, propor detalhes, ser ouvida por ela, também ouvir e ver suas leituras sobre o meu texto, transformadas e expressas ali nas ilustrações. Foi uma experiência bonita. De fato, antes mesmo dos editores, neste caso, Diana foi a primeira leitora do meu texto.



Capa de *Notícias para Marina*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Diana Leite Chacon (Foto sem crédito).

Hoje, entendo que, cada vez mais, o mercado editorial exige profissionalização e competência técnica em todos os processos da feitura de um livro. Se eu puder me ocupar somente do texto, que para mim já é muito, me dou por satisfeita. A ilustração tem um papel muito relevante para o objeto livro destinado a crianças, adolescentes e jovens. Não tenho formação nessa área e competência para discutir hoje tantos aspectos que pesquisas específicas trazem a respeito, mas tenho curiosidade e desejo de que meus livros recebam uma boa produção nesse sentido.

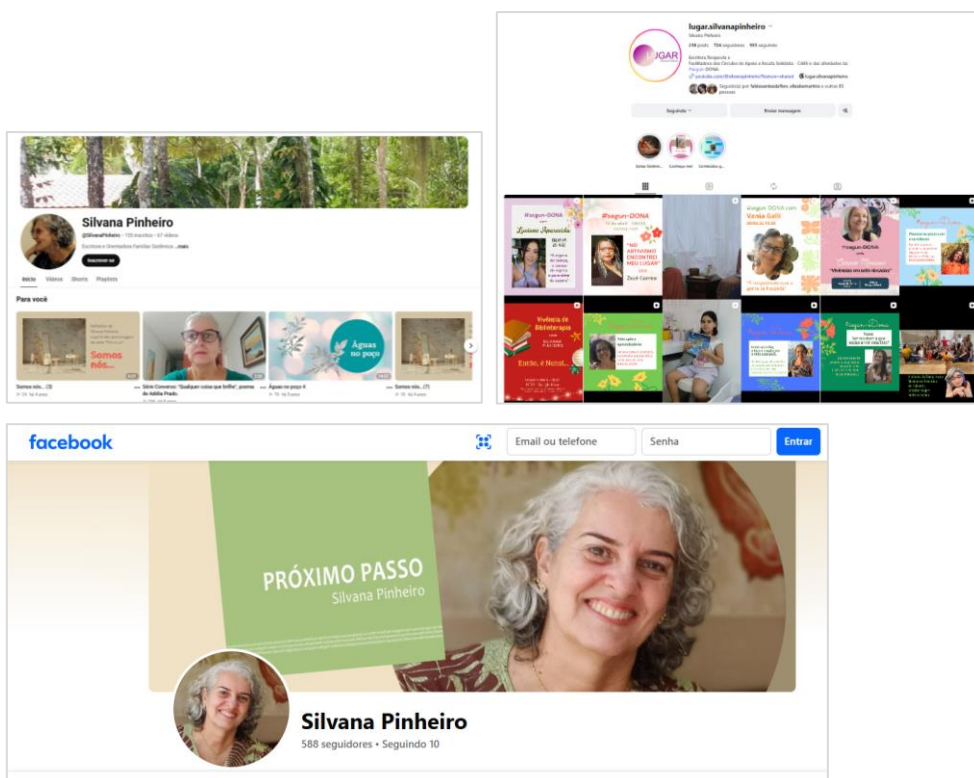
Penso também que os mediadores de leitura da Escola Básica precisam receber alguma formação quanto a isso, para que a ilustração também seja objeto de uma leitura intencional, que permita expandir a interação com o livro em geral e com o texto escrito em particular.

Outro aspecto que se coloca quanto a isso na ordem do dia, é a questão da Inteligência Artificial, que aceleradamente ocupa os lugares de criação e substitui aos poucos o papel de vários produtores de arte ligados ao livro. É um fenômeno em expansão, que precisa ser estudado, a partir de diferentes variáveis, e que deveria se colocar como objeto de atenção de todos nós que nos relacionamos ao livro. E, nesse caso, me preocupa não só o lugar da feitura da ilustração, mas a própria produção do texto verbal, sujeita aos mecanismos da IA.

**Você tem perfis em redes sociais como Instagram e Facebook. Como avalia sua participação e a de outros escritores contemporâneos no ciberespaço? Quais possibilidades e desafios as tecnologias digitais apresentam para a criação e a recepção de sua obra, em comparação com a era analógica?**

Em primeiro lugar, considero que a realidade das redes sociais e as tecnologias digitais é irreversível, factual, própria do nosso tempo, e é preciso nos

adaptarmos a isso. Percebo que a sabedoria se coloca em que essas tecnologias estejam a nosso serviço e não o contrário. E lamento que isso também não seja uma realidade para a grande maioria de seus usuários. Hoje somos impulsionados a consumir informações de todo o tipo, e quem define isso são os algoritmos. Há uma subjugação de nossas dimensões mais humanas, como a capacidade de escolher, colocadas à mercê dos interesses das chamadas *big-techs* e seus servidores em todo o mundo.



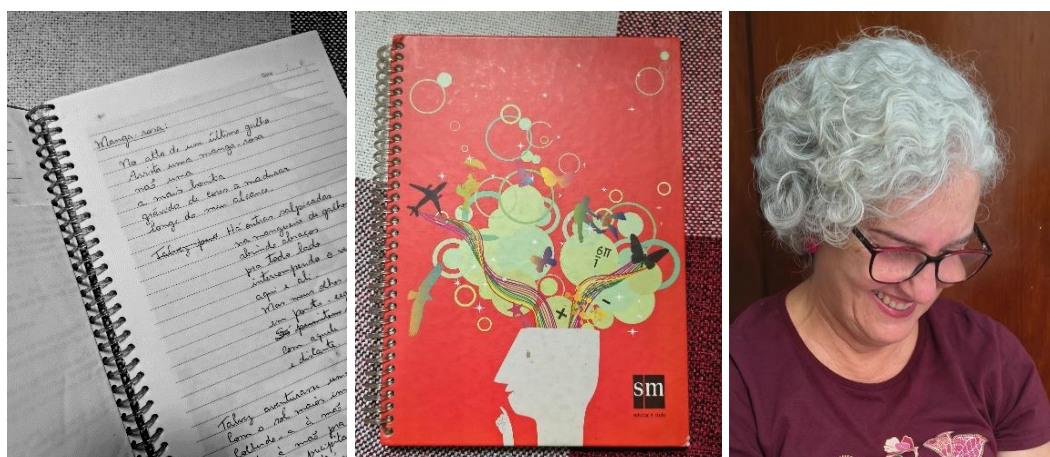
Prints das redes sociais de Silvana Pinheiro: YouTube, Instagram e Facebook.

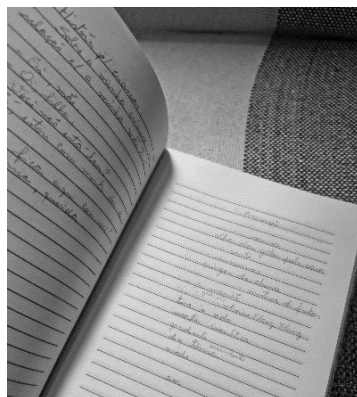
Fico bastante incomodada quando percebo essa realidade, na minha própria experiência, e, sobretudo, pensando nas novas gerações, observando o quanto estamos vivendo escravizados e conduzidos ideologicamente no trato com as novas tecnologias, o que requer de cada um de nós permanente ampliação de informações e, principalmente, consciência a respeito.

Mas não temos apenas perdas dessa ordem. Por outro lado, em algumas áreas, como a Medicina, por exemplo, processos como os da inteligência artificial são determinantes para o avanço de novos procedimentos destinados à melhoria da qualidade de vida dos seres humanos. Sempre dançamos entre dois lados das mesmas moedas. Ainda assim, somos assaltados pela velocidade das mudanças que essa nova realidade produz na vida das pessoas e no trabalho dos escritores.

O mundo da informação hoje é veloz e requer substituição igualmente rápida, para além de nossa condição de reter na memória. E em movimento contrário a essa ordem de coisas, a literatura pede uma certa vagarosidade, para degustação e descoberta de possíveis significados presentes em um tipo de linguagem rica em significação. É uma via de contramão do mundo virtual. Ajustar-se à velocidade imposta pela internet, sem perda da qualidade da linguagem é um desafio permanente, para escritores e leitores.

Eu me considero uma pessoa que tem uma condição de relação com o texto escrito ainda bastante analógica. Prefiro ler livros de papel. Adoro uma livraria de rua. Registro anotações em cadernos. E gosto de escrever a lápis.



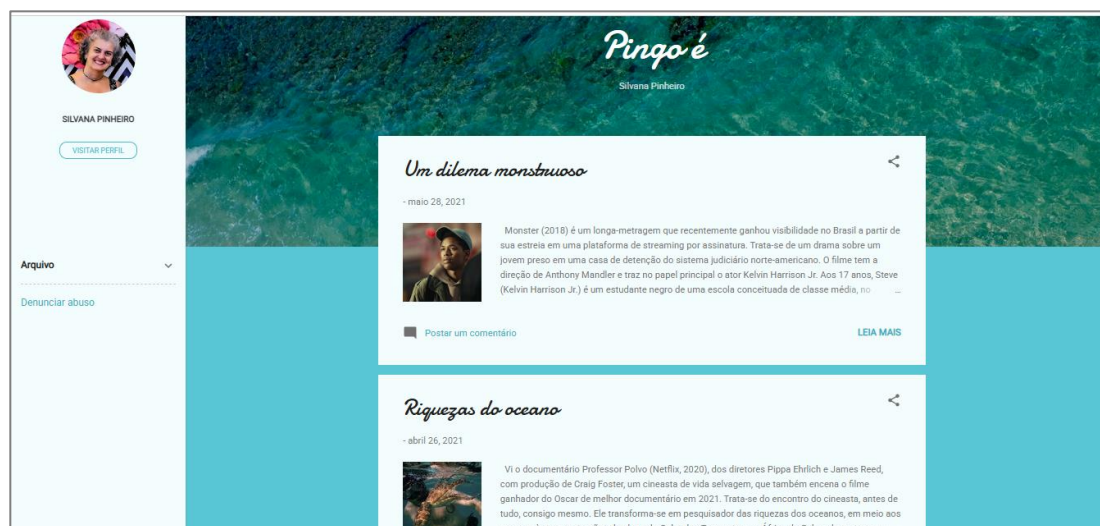


Capas de cadernos e páginas manuscritas de Silvana Pinheiro (Fotos de Paulo R. Sodré).

Além disso, me perco de forma considerável, no meio de muitos estímulos virtuais, muitos posts, muitos recados, muitos vídeos. Esse contexto gera em mim ansiedade. Então, o diálogo com as realidades digitais é bastante desafiador para alguém como eu.

Ao longo da minha jornada como escritora, fiz algumas incursões nesse plano: criei páginas nas redes sociais e um blog onde publiquei muitos dos meus escritos. Em alguns momentos fui feliz, em outros, não. Exatamente pelas limitações que já citei e porque a internet hoje é um campo de guerra entre discursos que me incomoda e afeta muito. E talvez não tenha muito desejo de me inserir nesse campo de disputas narrativas. Mas, de qualquer forma, qualquer produtor de cultura hoje precisa manejar minimamente o ambiente digital para divulgar o seu trabalho. Esse é um espaço indispensável para qualquer um se ver

colocado no mercado. Então, o que posso dizer diante de tudo isso? Essa é uma realidade em que muitos escritores conseguem ter maior desenvoltura e outros tem mais dificuldades, como eu. Um desafio a ser enfrentado sempre.



Print do blog *Pingo é*, de Silvana Pinheiro.

Outro aspecto a considerar é que nesse contexto digital, outros atravessadores se colocam no lugar da mediação entre aquele que escreve e aquele que lê, ou um potencial leitor. Para avançar na divulgação de um trabalho e atingir um público específico, precisamos da presença de outros mediadores, além dos editores, ilustradores e divulgadores presenciais. Precisamos de profissionais que dominem os aparatos dos ambientes digitais e saibam impulsionar um produto editorial. Ainda não consegui me organizar para trilhar essa via. Confesso que tenho resistências. Por isso talvez não amplie muito o alcance do meu trabalho. Acabo tentando fazer isso com meus poucos recursos no domínio do ambiente virtual.

**Diante do panorama da literatura atual — regional, nacional e internacional —, o que você observa? Quais escritores e escritoras você tem lido e com quem busca dialogar? Comente sobre suas principais**

## **inquietações e estímulos em relação à produção literária contemporânea.**

Falar do panorama da literatura contemporânea, seja regional, nacional ou internacional, é quase uma impossibilidade, pois estamos tratando de um campo tão vasto, com tantas nuances e entradas, que tenho dificuldade de achar uma trilha por onde enveredar, sem o risco de ser reducionista. Mas o que percebo é que há um movimento mais presentificado, já de alguns bons anos, de uma maior valorização de identidades específicas, que se desdobram em nichos temáticos de implicação mais social, ligados a etnias, condições de gênero e outras. Vemos uma produção literária que se coloca mais a serviço de demandas sociais. Aliás, na história da literatura esse é um viés que se renova ciclicamente. Por sinal, condicionado por uma discussão antiga: existe uma literatura que não se coloque a serviço de algo para além dela mesma?

Então, não vejo nenhum problema em como isso se apresenta hoje. Olho como um fenômeno a ser observado e compreendido, como qualquer outro. Vejo uma tendência na literatura que reflete o que está presente na sociedade e traz implicações sobre essa mesma sociedade. Literatura e sociedade se retroalimentam de pautas que são do nosso tempo e se transformam mutuamente.

Sobre minhas leituras nesse campo, continuo lendo poetas do meu interesse particular, como autores clássicos e poetas de minha predileção. Nunca é excessivo citar Adélia Prado, por exemplo, e outros. E busco acompanhar um pouco autores que atualmente se destacam mais na literatura nacional. Em especial, tenho lido mais a produção de mulheres e cito, como exemplo Conceição Evaristo. É difícil acompanhar tudo. Há uma amplitude enorme de gente produzindo muita coisa boa.



Conceição Evaristo,  
uma das escritoras destacadas por Silvana Pinheiro (Foto de Leo Martins).

Prefiro mencionar também aqui autoras locais que li recentemente. Apreciei a leitura de *Urupema*, de Andréia Delmaschio, publicado pela Nova Alexandria, um romance que trata de narrativas sobre imigrantes europeus, tema muito propício sobre a formação da gente capixaba, com uma atitude muito respeitosa por parte da autora, com contrapontos críticos muito propícios, abordando também outras temáticas e questões sobre a memória e sobre como ela nos compõe e nos escapa.



Capa de *Urupema*, de Andréia Delmaschio,  
escritora apreciada por Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Li recentemente também a coletânea de contos de Bernadete Lyra, lançada no ano passado pela a lápis, *Ooparts*, uma reunião de seus escritos nesse gênero,

com toda a pujança de seus textos, humanos em múltiplas facetas e irônicos. Uma leitura convidativa.



Bernadette Lyra (Foto sem crédito)  
e capa de seu livro de contos, *Ooparts*, referido por Silvana Pinheiro.

E, para além das leituras no campo da literatura de ficção, degusto outros livros atualmente, da área de desenvolvimento humano e saúde mental, da filosofia, das ciências das religiões e outros. Ler para mim é um grande prazer e uma prática que se insere em muitos momentos do meu dia a dia. Leio alguns ao mesmo tempo, conforme a necessidade e o desejo do instante. Tenho esse defeito.

**Historicamente, observa-se o silenciamento das vozes e a repressão dos corpos das mulheres e de outras minorias. Como o machismo, a misoginia e outras formas de opressão presentes na sociedade impactam o seu trabalho e a sua escrita?**

Sendo uma mulher de 60 anos, já vivi muitos ciclos da existência. Posso dizer que, ao longo da minha história de desenvolvimento, desde a infância, adolescência e juventude; na experiência de um casamento de vinte e cinco anos; nas vivências da maternidade; enfrentando a realidade do divórcio; como

trabalhadora da educação e como escritora, convivi com atitudes machistas e misóginas e muito preconceito, ao longo da vida, porque esta é uma questão estrutural de nossa sociedade. Mulheres e homens estão imersos nessa realidade.



Fotos de Silvana Pinheiro  
(A primeira é de Mônica Sant'Anna; as outras, sem crédito).

Enfrentei e ainda enfrento tentativas de opressão e subjugação em relação ao meu estar no mundo e às minhas formas singulares de expressão, inclusive aquilo que produzo literariamente. Como uma figura que tem certa publicidade, de uma forma ou de outra, me encontro em lugares de alguma evidência e estou inserida

em um campo de discursos que ainda é muito violento em relação às mulheres em geral.



Retrato de Silvana Pinheiro por Andressa Berger (Acervo da autora).

Hoje, cada vez mais, por meio do estudo, do diálogo com outras mulheres e de meus próprios processos terapêuticos, tenho me apropriado de uma maior consciência do quanto isso foi presente em minha história e como ainda sou marcada por essa condição de gênero, do ponto de vista dos preconceitos que a abarcam. Inclusive em permanente revisão de minhas próprias atitudes alimentadoras dessa condição de violência.

É uma pena que isso ainda aconteça, não apenas comigo, mas com as mulheres em geral. E o que estamos vivenciando no momento ainda é agravador. Há um retrocesso em relação às condições das mulheres no mundo. Quando poderíamos imaginar que, em pleno século 21, estaríamos lidando com o questionamento sobre a pertinência do trabalho fora de casa para mulheres e outras questões que já superamos há mais de século? Como é possível acreditar que, em 2026, nossas representantes mulheres, em diferentes espaços políticos, seriam alvo de tanta violência e discriminação? O que falar diante do aumento progressivo do número de feminicídios no Brasil e no mundo? São fatos em franca escala de

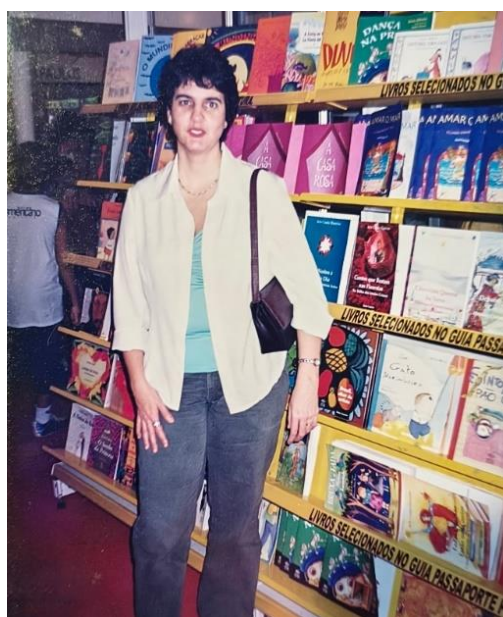
agravamento. E o sobressalto decorrente dessa escalada de violências atinge todas as áreas da nossa vida como mulheres.

Só quem é mulher sabe o quanto somos atingidas por olhares e comentários, pequenos gestos ameaçadores, que implicam em uma luta e um alerta permanente contra inibições e silenciamentos, em todos os espaços que ocupamos. Comigo isso aconteceu e acontece ainda, também na literatura. O que posso dizer é que cada vez tenho mais consciência disso e, tendo consciência, desenvolvo habilidades e recursos para lidar com essa realidade. Felizmente hoje podemos falar mais abertamente sobre isso e vamos angariando vozes de mulheres e homens que se levantam contra esse estado de coisas.

**Nos últimos anos, o crescimento da extrema direita na sociedade brasileira tem intensificado debates sobre o lugar da arte, com destaque para forças interessadas em controlar e censurar manifestações artísticas e culturais. Nesse contexto, observa-se uma série de violações ao direito à literatura e à democratização do acesso à leitura literária. Como você avalia esse cenário? E quais são suas expectativas quanto ao desfecho do atual estágio político e cultural do Brasil e do mundo?**

É mesmo uma realidade lamentável. Vivemos, em todos os âmbitos da organização social, uma crescente polarização e intensificação de forças conservadoras, buscando retrocessos e desvalorizando toda forma de manifestação artística e cultural. No entanto, não é de se surpreender que isso aconteça, porque todas as vezes que as sociedades, em diferentes lugares e épocas, se depararam com autoritarismos, desmandos, ditaduras, opressões e escravidões, um dos primeiros atos na direção de controle e cerceamento de liberdades e direitos foi a censura a toda manifestação artística e cultural. Isso é um fato historicamente comprovado.

É preciso “estar atento e forte”, para não deixarmos de ocupar os espaços necessários na contramão dessa realidade, na promoção de ideias que nos emancipem como humanos. E, se por um lado há essa avalanche de ações conservadoras, por outro, vemos um crescimento e uma riqueza de toda sorte de manifestações culturais, com a possibilidade de maior expansão e divulgação da cultura e das artes, de muitas formas, por muitas vozes.



Silvana Pinheiro no lançamento de *Amar o mar* na Bienal do Livro infantil de 2004 (Acervo da autora).

Nesse sentido, minhas expectativas ainda são esperançosas, sem deixarem de ser realistas. Acho que corremos um grande risco, é verdade, no Brasil e no mundo, de enfrentarmos tempos ainda mais difíceis, de muito autoritarismo, de muito cerceamento de toda forma de expressão e liberdade humana, mas opto

por me alimentar da esperança de que possamos, juntos e cada um em seu espaço particular e âmbito de ação, contribuir para que os desfechos desse século em curso não seja esse.



Silvana Pinheiro na Ufes (Fotos de Vitor Cei).

## Referências:

PINHEIRO, Silvana. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2024.

PINHEIRO, Silvana. *Das histórias da tartaruga*. Ilustração de Carlos Jorge Nunes. Belo Horizonte: Aluar, 2023.

PINHEIRO, Silvana. *Notícias para Marina*. Ilustração de Diana Leite Chacon. Vitória: Formar, 2023.

PINHEIRO, Silvana. *Feita em casa*. Ilustração de Ju Furtado. Vitória: Edição da Autora, 2021.

PINHEIRO, Silvana. *Sem licença: a poética de Adélia Prado*. Belo Horizonte: Caravana, 2021.

PINHEIRO, Silvana. *Houve um beija-flor...* Ilustração de Yuri Lopes. 2. ed. Vitória: Formar, 2018.

PINHEIRO, Silvana. *Amar o mar*. Ilustração de Fê. 2. ed. São Paulo: DCL, 2015.

PINHEIRO, Silvana. *femear*. Ilustração de Pri Sathler. Vitória: Edição da Autora, 2014.

PINHEIRO, Silvana et al. *Smilingüido e sua turma em quadrinhos*. Recife: Luz e Vida, 2006.

PINHEIRO, Silvana. *História de estrela*. Ilustração de Marcia Franco. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro Record, 2015.

RANGEL, Luciano. Escritora Silvana Pinheiro: "Novas gerações lidam com uma vida irreal". *Tribuna Online*, Vitória, 24 set. 2024. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/cidades/escritora-silvana-pinheiro-novas-geracoes-lidam-com-uma-vida-irreal-200981>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Amigos da terra: a luta pela preservação da vida e da natureza*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Vitória, uma ilha cercada de terras*. Ilustração de Joyce Brandão. São Paulo: Cortez, 2007.

TAETS, Silvana Pinheiro et al. *Dia a dia com Smilingüido e sua turma em quadrinhos*. Curitiba: Luz e Vida, 2005.

TAETS, Silvana Pinheiro. *A casa rosa*. Ilustração de Rosinha Campos. São Paulo: DCL, 2004.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Amar o Mar*. Ilustração de Fê. São Paulo/SP: DCL, 2004.

TAETS, Silvana Pinheiro. *De bichos, pequenos e grandes*. Ilustração de Canini. Viçosa: Ultimato, 1998.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Houve um beija-flor...* Ilustração de Cléria Crema. Vitória: Lei Rubem Braga, 1998.

TAETS, Silvana Pinheiro. *O jogo dos sete tempos*. Ilustração de Marcos Garcia. Rio de Janeiro: Vinde Comunicações, 1995.